

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

91F = 9,0  
JRM

**CONTROLE SOCIAL E FUTEBOL  
NO RIO GRANDE DO NORTE (1970 - 1982)**

ÍTALO DE BRITO SIQUEIRA



NATAL/ RN

2000 • 1

ÍTALO DE BRITO SIQUEIRA



**CONTROLE SOCIAL E FUTEBOL  
NO RIO GRANDE DO NORTE (1970 - 1982)**

Monografia apresentada à disciplina  
Pesquisa Histórica II, ministrada pela  
Professora Denise Mattos Monteiro, do  
Curso de História da Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte, sob a  
orientação do Professor Almir Bueno de  
Carvalho.

NATAL/RN

2000

## **AGRADECIMENTOS**

A todo o corpo docente e discente do Departamento de História da UFRN, que ao longo de minha vida acadêmica, contribuíram, não apenas para a minha formação profissional e politização, mas acima de tudo, para o meu engrandecimento como ser humano.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 04 |
| <b>I – O FUTEBOL NO BRASIL: DOS “MEETINGS” AOS “RACHAS”</b> .....      | 07 |
| 1. O início de tudo .....  | 07 |
| 2. A evolução do futebol como espetáculo de massa no Brasil .....      | 10 |
| 3. O despertar do mundo para o futebol brasileiro .....                | 17 |
| <b>II – USOS POLÍTICOS NO FUTEBOL</b> .....                            | 21 |
| 1. Os militares assumem o poder .....                                  | 21 |
| 2. O milagre da ditadura .....   | 24 |
| 3. A integração do país pelo futebol .....                             | 27 |
| 4. A decadência da ditadura e a crise do futebol brasileiro .....      | 30 |
| <b>III – O RIO GRANDE DO NORTE INSERIDO NO CONTEXTO NACIONAL</b> ..... | 34 |
| 1. A evolução do futebol no Rio Grande do Norte .....                  | 34 |
| 2. Os governadores biônicos e o futebol Potiguar .....                 | 38 |
| 3. A integração nacional pelo futebol no RN .....                      | 41 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                      | 44 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....  | 47 |

## INTRODUÇÃO

Não há dúvidas de que entre todos os esportes o futebol é o mais difundido, o que tem maior número de adeptos no mundo e o mais capaz de excitar multidões, seja qual idade for, posição econômica, profissão, credo ou nível cultural. No Brasil não é diferente, o esporte consegue paralisar todas as atividades, quando nossa seleção entra em campo para a disputa de uma Copa do Mundo. Assim, José Carlos Meihy chegou a comentar: *“Com certeza o futebol é uma das expressões do espírito do povo brasileiro, assim como se diz que o Brasil é a maior nação católica do mundo, afirma-se também que este é o país do futebol”*<sup>1</sup>.

Mas quando evidenciamos a produção científica nessa área, observamos um total desinteresse no seu estudo. Mário Filho, já em 1947, em sua obra “O negro no futebol brasileiro”, comentava a esse respeito: *“É de uma importância ainda não devidamente analisada a influência do esporte, sobretudo do futebol, na vida política no Brasil”*<sup>2</sup>. Em 1982, José Carlos Meihy também fazia referência ao esquecimento dos intelectuais sobre o tema, enfatizando apenas a produção de crônicas, biografias e artigos<sup>3</sup>. Dessa forma chegamos hoje com o mesmo problema, pois o desinteresse em realizar estudos nessa área ainda é bastante grande, mesmo que o tema proporcione diferentes ângulos de estudo, e seja um esporte que mantém influência em todos os campos de nossa história, seja política, econômica, social e cultural. Portanto, é incompreensível quando percebemos a necessidade de utilizar alguns estudos de sociólogos norte-americanos, para que pudéssemos ter alguns referenciais de suporte científico, como as obras de Robert Levine<sup>4</sup>, que enfatiza toda a trajetória política do futebol no Brasil; Matthew Shirts<sup>5</sup>, que faz uma crítica à historiografia das origens do futebol; por último Janet Lever<sup>6</sup> que explora a relação entre o esporte e os governantes.

Dessa forma sentimos a necessidade de explorar essa área, que ainda encontra imensas lacunas a serem preenchidas, principalmente quando evidenciamos o Rio

<sup>1</sup> MEIHY, J. C. S. (org.), **Futebol e cultura**, p. 11.

<sup>2</sup> MÁRIO FILHO, **O negro no futebol brasileiro**, p. 10.

<sup>3</sup> MEIHY, op. cit., p.11.

<sup>4</sup> LEVINE, Robert M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, J. C. S. (org.), **Futebol e cultura**.

<sup>5</sup> SHIRTS, Matthew G. Futebol no Brasil ou football in Brasil. In: MEIHY, J. C. S. (org.), **Futebol e Cultura**.

Grande do Norte. Daí nosso interesse em realizar esse estudo, para tentar dar, pelo menos, o pontapé inicial para que outros pesquisadores se interessem em estudar o tema<sup>7</sup>.

Portanto, como o tema é bastante amplo, nos preocupamos em verificar a utilização do futebol para fins de propaganda política, enfocando o ano de 1970, como o divisor de águas, pois ele foi o ano do ápice do regime militar pós-64, aliado a uma economia com elevados índices de crescimento, que deixava a população brasileira eufórica, e paralelo a tudo isso, a conquista do tricampeonato mundial de futebol no México, pela seleção brasileira. Finalizamos nossa pesquisa no ano de 1982, quando a seleção brasileira de futebol amargava seu terceiro fracasso consecutivo em mundiais de futebol, a economia passava por uma situação bastante difícil, legada pelo “milagre brasileiro” e a ditadura já estava em pleno regime de abertura política e redemocratização do país.

Em termos gerais, nosso principal objetivo é contribuir para a realização de uma historiografia crítica do futebol local que, como já comentamos, é quase inexistente, enfocando o período acima citado, para que possamos obter algumas respostas, ainda que parciais, sobre a influência do regime militar de 64 no futebol do Rio Grande do Norte, pois a nível nacional, não resta dúvidas de tal procedimento, quando evidenciamos o *slogan* “Ninguém segura este país”, ou mesmo a marchinha do “Prá Frente Brasil.”

Este estudo está dividido em três momentos. O primeiro faz referência a criação do futebol, buscando suas raízes no Brasil, desde sua introdução, para entendermos como um esporte de ricos tornou-se um esporte tão popular. No momento seguinte buscamos nos deter ao corte cronológico estabelecido anteriormente, tomando por base os acontecimentos políticos e econômicos que marcaram o pós-64, e a participação política dos militares, a partir de então, no futebol nacional. E, no último momento, voltamos nossas atenções para esses usos políticos no futebol, contextualizando o Rio Grande do Norte dentro do mesmo corte cronológico estabelecido. Finalmente, nas considerações finais, faremos um balanço, quando verificaremos se as lacunas, antes encontradas, foram preenchidas no decorrer da realização deste estudo.

Para a realização de todas essas etapas, utilizamos uma bibliografia básica, que servirá de suporte teórico, pelo menos a nível nacional, como citamos no

---

<sup>6</sup> LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. .

início. Porém, a nível local, a bibliografia que possa contribuir academicamente para o estudo é muito pequena, resumindo-se ao livro do jornalista Procópio Neto, **Os esportes em Natal**, que utilizou<sup>7</sup> de várias fontes primárias, como estatutos, atas, leis e regulamentos. Então, para um melhor aproveitamento sobre o tema, além desse livro, pesquisamos alguns periódicos locais e a usamos a história oral, através de entrevistas com personalidades que tiveram alguma ligação com o tema em questão.

Dessa forma dirigimos essa pesquisa a todos que desejam conhecer um pouco mais sobre o futebol de forma acadêmica e aos pesquisadores que por algum motivo ainda não despertaram para o tema, e assim esperamos que possam vir a fazer outras contribuições a esse respeito.

---

<sup>7</sup> No Departamento de História da UFRN há apenas uma monografia de final de curso sobre o tema, realizada por Roberto Flávio Gomes Lima com o tema **A pátria em campo: a simbiose esporte poder**, em 1991...

## I – O FUTEBOL NO BRASIL: DOS “MEETINGS” AOS “RACHAS”

### 1. O início de tudo

No final do século XIX percebemos grandes transformações no mundo pós-Revolução Industrial que foi iniciada na Inglaterra, mas neste momento já se irradiara por boa parte do mundo ocidental. Assim se conheceu o petróleo, a eletricidade, os elementos químicos, desenvolveram-se meios de transporte, surgiram novos estilos de pintura como o expressionismo, impressionismo, fauvismo, cubismo, nasceram as primeiras cenas da sétima arte e outros importantes fatos o quais viriam mudar toda a sociedade do século XX<sup>1</sup>. Graças a essas transformações o capitalismo cresceu e se desenvolveu tornando-se mais tarde o principal sistema econômico mundial.

Aliado a esse grande desenvolvimento mundial proveniente da Revolução Industrial e bastante impulsionado na Era Vitoriana<sup>2</sup>, que deu à Inglaterra anos e anos de paz e desenvolvimento econômico, o Estado, visando “apaziguar” os ânimos de vários jovens reformistas, provenientes da burguesia, imprimiu uma reformulação no sistema de ensino escolar incluindo nos currículos a prática esportiva, como é possível perceber nas palavras de Ballousier: “...interessava ao conservadorismo da época vitoriana, que os jovens descarregassem suas energias em atividades físicas e não em práticas condenáveis, entre as quais se incluíam manifestações políticas de cunho reformista<sup>3</sup>”.

A partir de então os ingleses organizaram o futebol moderno<sup>4</sup> com a criação, em 1863, de um órgão oficial, *The Football Association*, para uniformizar a prática do futebol no Reino Unido pois, até 1830, os jogos tinham uma organização difusa, informal e uma prática sem regras. Porém, o esporte já era bastante praticado principalmente nas *public schools*, e assim procurou-se, pela primeira vez, unificar as leis do jogo, as quais deveriam ser respeitadas no país daquele momento em diante. Desta forma nasceu em

<sup>1</sup> ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. *Toda a história*, p.306 – 313.

<sup>2</sup> Governo da Rainha Vitória na Inglaterra durante 63 anos (1837 – 1901), que marcou o período de maior supremacia britânica, ficando conhecida como a *Era Vitoriana*.

<sup>3</sup> BALLOUSIER, Marco André. *O centenário de uma paixão brasileira*, p. 9.

<sup>4</sup> Não é possível determinar de forma precisa as origens desse jogo. Nas cavernas pré-históricas há pinturas que poderiam nos remeter a ele, na China a 2600 anos antes de Cristo, se praticava o KEMARI, que reunia oito jogadores de cada lado, num campo quadrado, duas estacas e uma bola com 22 centímetros de diâmetro enchida por cabelos e crinas. Na Grécia antiga jogava-se o EPYKIROS sendo adotado uma bola feita de bexiga de boi, e os romanos adotam a bola e detalhes do jogo e criam o HARPASTUM. Na Idade Média jogava-se um jogo bastante selvagem e sem regras, principalmente na Inglaterra que também adotava a bola, chegando a ter 500 jogadores de cada lado, o chamado massfootball. (DUARTE, p.3-4).

1886, a entidade *The International Football Association Board*<sup>5</sup> que viria a ser responsável pelas regras do futebol, como tamanho da bola, os limites do campo, o número de jogadores, a duração dos jogos etc, utilizadas até os dias atuais.

Como o desenvolvimento industrial, o futebol se expandiu também pelo mundo devido a comercialização inglesa com outros países, como atesta Janet Lever: “... *o auge da popularidade do jogo na Inglaterra coincidiu com os anos de domínio marítimo, industrial britânico*”<sup>6</sup>. Outra maneira de difusão foram as próprias pessoas que passavam pela Grã-Bretanha e o importavam, chegando a América Latina e no Brasil em fins do século XIX, um período em que o Brasil se tornava recentemente uma República, e ainda continuava a ser essencialmente agrícola, tendo a esmagadora maioria da população vivendo no campo. Borracha, açúcar, cacau, algodão, gado e principalmente o café eram os produtos fundamentais da economia das diversas regiões brasileiras. Na divisão internacional do trabalho da época, marcado pelo imperialismo das potências industriais, o Brasil desempenhava o papel de exportador de produtos primários. A industrialização do país apenas começava, essencialmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. A sociedade tinha nos grandes fazendeiros a classe de maior prestígio e poder que detinham a hegemonia política durante a chamada República Velha<sup>7</sup>. Assim, em meio a esses acontecimentos surge oficialmente, em 1894, ano que marca a posse do primeiro presidente civil, Prudente de Moraes, o futebol no Brasil, de acordo com uma visão histórica “oficializada”<sup>8</sup>, introduzido pelo estudante brasileiro, filho de ingleses, Charles Muller, que incluiu em sua bagagem de volta a São Paulo “duas bolas” e equipamentos utilizados no esporte.

Mesmo com quase uma absoluta unanimidade entre autores sobre a introdução do futebol no Brasil atribuída ao estudante, também se faz necessário citar alguns autores que discordam de tal definição, considerando a valorização de Charles Muller como representante da valorização de uma burguesia urbana, branca e estrangeira, como Matter G. Shirts expressa abaixo:

---

<sup>5</sup> Tem como membros os quatro países do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte).

<sup>6</sup> LEVER, op. cit., p.60.

<sup>7</sup> O período que vai de 1894 até 1930 é chamado de República Velha, onde predominava a força das oligarquias do café, caracterizado por uma sucessão presidencial que alternava entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo, denominada de política do café-com-leite.

*“Nota-se ainda que quase todos os livros que tratam o assunto seguem o mesmo critério. Parece que há uma obrigação de dedicar algumas linhas ao “pai” antes de escrever sobre seu filho, o futebol, e não só a Muller, como também às duas bolas por ele trazidas...tem-se a impressão de que caso Charles Muller não tivesse trazido as duas bolas, o Brasil teria chegado aos anos oitenta sem nunca ter desenvolvido o futebol de forma alguma”<sup>9</sup>.*

No pensamento de Shirts, a partir da proclamação da República há uma grande valorização dos hábitos estrangeiros pelas elites urbanas brasileira em ascensão, como afirma Gilberto Freyre: *“A mistura vitoriosa e quase livre de diferentes culturas também pode ser observada na assimilação de valores diversos, tais como o futebol inglês e o gosto pela pastelaria francesa...”<sup>10</sup>*. Dessa forma justifica-se os autores serem praticamente unânimes em afirmar que “o pai do futebol” no Brasil fora Charles Muller. Até mesmo Thomaz Mazzoni, que descreve vários jogos de futebol no Brasil entre 1874 e 1894, em seu livro *História do futebol no Brasil*, e depois insiste em considerar Muller como o introdutor<sup>11</sup>.

Mas a questão da introdução do futebol no Brasil não importava muito às elites dirigentes e sim o pensamento de transformações internas na renovação da estrutura econômica nacional, que deixava o exclusivismo agrário para abraçar as formas industriais da sociedade<sup>12</sup>. Assim, o jogo expandiu-se às comunidades alemã e italianas, começou a ser praticado nas escolas inglesas, principalmente no Mackenzie, surgindo os primeiros clubes brasileiro como Rio Grande F. C. e a Ponte Preta, ambos de 1900 e posteriormente nasceram Fluminense, Grêmio, e entre outros<sup>13</sup>.

---

<sup>8</sup> Existem informações que a prática do futebol no Brasil se deu bem antes do ano de 1864, quando marinheiros ingleses organizaram partidas no litoral, principalmente em Pernambuco e Santos. (PEDROSA, p. 17).

<sup>9</sup> SHIRTS, Matter G. Futebol no Brasil ou Football in Brazil? In: MEIHY, J. C. S. (org.), *Futebol e cultura*, p. 93.

<sup>10</sup> FREYRE, Gilberto. *Novo mundo nos trópicos*, p.5.

<sup>11</sup> MAZZONI, Tomás. *História do futebol brasileiro*, p. 7.

<sup>12</sup> LOPES, Luz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*, p. 104.

## 2. A evolução do futebol como espetáculo de massa no Brasil

Como já pôde ser observado, o futebol nasceu no Brasil como um esporte da elite, praticado apenas por pequenos grupos, sendo seus primeiros praticantes oriundos das ricas famílias, quase sempre estudantes que mais tarde se tornariam os técnicos industriais, engenheiros, advogados, enfim, membros da elite.<sup>14</sup>

A linguagem do novo esporte era toda em inglês como se percebe na edição de 10/06/1902, do jornal “O Estado de São Paulo” ao comentar uma partida:

“ **SPORT**

Sétimo **Match**

Campeonato de 1902

Como hotem havíamos prometido, damos abaixo algumas peripécias de interessante match realizado ante-hontem entre os **clubs Sport Club** Internacional e São Paulo Athletic Club.

Seriam 3 ½ horas da tarde, mais ou menos, quando o **referee(juíz)**, sr. Lauront deu o **signal** de começar o jogo. Ao São Paulo Athletic Club coube dar o primeiro pontapé na bola, o que fez com bastante calma e com bons passes, conseguindo ficar bem próximo do **goal** do Internacional, mas não pode marcar o goal por ter o **goal-keeper (goleiro)** rebatido muito bem o **shoot (chute)**, que atirou a bola para o centro do campo. Os **forwards (atacantes)** do Athletic-Club, conquistando novamente a bola, conseguiram, depois de uma grande resistência, atravessar as linhas de forwards, **half-backs (zagueiros)** do Internacional, e um admirável **shoot** marcou o primeiro goal para o São Paulo Athletic ...”<sup>15</sup>

Poucos também podiam pagar pelo material importado para a prática do esporte. Assim Luiz Vargas comenta que “o futebol era um desporto muito caro: uma bola custava uma fortuna e tinha que ser importada da Inglaterra, as chuteiras também eram caras, isso sem falar nos uniformes e no local para a prática do desporto”<sup>16</sup>. Com isso nos primeiros tempos o futebol sobreviveu principalmente em São Paulo, vinculado aos clubes de elite e às escolas como o *Mackenzie College*.

Com o passar do tempo a atração pelo futebol aumentou, agora com a participação dos excluídos pela elite. As regiões rurais ficaram cheias de “peladas”, partidas espontâneas, usualmente jogadas de pés descalços em campos improvisados ou na praia. Desta forma percebe-se que, paralelamente ao desenvolvimento deste futebol elitista

<sup>13</sup> WITTER, Sebastião. *Breve história do futebol brasileiro*, p. 13.

<sup>14</sup> HERSCHAMANN, Micael M.; LERNER, Kátia. *Lance de Sorte: o futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca*, p. 42.

<sup>15</sup> Witter, Sebastião. *Futebol...futebol*. In: MEIHY, J. C. S. (org.), *Futebol e Cultura*, p. 80.

e racista, vinha sendo gestado, no seio das camadas populares, um processo subterrâneo, clandestino, de práticas futebolísticas, driblando com engenho e arte todas as interdições, por meio da várzea<sup>17</sup>, das peladas e da periferia, com a participação de pretos, mulatos e brancos pobres. Assim sendo um esporte dotado de um conjunto de regras de rápida assimilação e podendo ser praticado em locais abertos, a criatividade do brasileiro entrou em cena<sup>18</sup>. Como podemos observar abaixo, Milton Pedrosa considera óbvio que assim viesse acontecer:

*“Impedido, por falta de recursos, de adquirir os brinquedos que representavam dinheiro, o menino pobre, deserdado da fortuna, tinha de valer-se dos meios ao seu alcance, assim a descoberta não foi difícil, um terreno vago, dois pedaços de madeira, as vezes nem isso, apenas duas pedras, uma bola arranjada e longas horas de liberdade”<sup>19</sup>.*

Porém, outros consideram o desenvolvimento do futebol entre as camadas populares como uma forma de escape para as dificuldades do cotidiano, pois as classes mais baixa ficavam sempre alienadas de participação política com igualdades de condições, além de sempre que a elite dirigente se via ameaçada, burlava as regras do jogo. Com a entrada em cena do passatempo elaborado pelos ingleses, as camadas populares puderam simular vitórias ou derrotas com a convicção de que as regras não seriam alteradas em benefício de alguns, além de extravasarem suas emoções. Assim, segundo Micael Herschmann e Katia Lerner:

*“Ao participar das atividades esportivas, o indivíduo está limitado e confinado a espaços especiais, onde são permitidos e designado aos jogadores e espectadores, integrantes da sociedade, espaços em que as tensões da vida diária podem e devem ser liberadas, assim o evento intercala tensão e emoção até o final, com isso é comum que uma partida sem gols fruste os espectadores, já que nela não houve espaço para relaxamento, para o fluir das emoções”<sup>20</sup>.*

Por ser um esporte de elite, que proporcionava status, vários pais de alunos passaram a pressionar as escolas, afim de incluírem-lo entre as modalidades esportivas. Introduzido desse modo nos currículos escolares dos colégios de orientação religiosa e militar, o futebol ganhava cada vez mais popularidade<sup>21</sup>.

<sup>16</sup> VARGAS, Ângelo Luiz. **Desporto fenômeno social**, p. 117.

<sup>17</sup> Termo usado para adjetivar o futebol praticado as margens dos rios.

<sup>18</sup> LIMA, Roberto Flávio. **A pátria em campo**. p. 14.

<sup>19</sup> PEDROSA, op. cit., p. 17.

<sup>20</sup> HERSCHMANN, op. cit, p. 38.

<sup>21</sup> CORREA, Lúcia H. Racismo no futebol brasileiro. In DIEGUEZ, Gilda K (org.), **Esporte e Poder**, p. 35.



Um fenômeno semelhante ocorria nas fábricas têxteis e companhias férreas ao transformarem os seus operários de “sujeitos passivos” a “agentes ativos” contribuindo, também, para uma maior popularização do futebol<sup>22</sup>. Nesse sentido, oriundo de uma empresa têxtil dirigida por ingleses, o The Bangu Athletic foi fundado em 1904, um dos pioneiros na incorporação popular, que teve em sua primeira formação a presença de dois brasileiros. Paulatinamente esse número se reverteria, até a sua formação ser composta exclusivamente por operários, levando o Bangu a receber o apoio do bairro e a formar a imagem de um time da classe trabalhadora. Em São Paulo outro clube pode ser destacado como popular, o Corinthians, fundado em 1910 por engenheiros e administradores ingleses da ferrovia, que organizaram o clube de maneira tradicional, mas alistando atletas entre trabalhadores italianos do cais e entre outros operários já conhecedores do esporte<sup>23</sup>.

Na medida em que o futebol ia se popularizando, a forma pelo qual ele era administrado tornava-se mais importante. Com isso os jogos tornaram-se mais competitivos e os torcedores exigiam mais dos seus times. Logo, os diretores começaram a recrutar jogadores talentosos, independentemente de suas classes sociais. Assim podemos entender quando Waldenyr Caldas coloca:

*“ A popularidade cada vez maior obrigava, politicamente, os diretores dos clubes a correrem atrás de bons jogadores. Só assim, e às custas de seguidas vitórias, alguns poderiam manter sua autoridade política no clube e pensar em sua ascensão no quadro político ”<sup>24</sup>.*

Deu-se então início à fase do “profissionalismo marrom”, onde os jogadores oriundos de camadas menos favorecida, mas com grande destaque nos jogos de futebol, eram remunerados de forma ilegal<sup>25</sup>.

O país estava mudando e as elites começaram a atentar para este fato como cita Joel Rufino dos Santos:

*“ Entre 1904 e 1917 as greves operárias eclodiram com violência por toda parte e por diversos motivos: oito horas de trabalho, proteção à mulher operária, melhores salários e condições de higiene nas fábricas...O Brasil já não era mais aquele e até um partido socialista já tínhamos ”<sup>26</sup>.*

<sup>22</sup> GONÇALVES, José E. Futebol e poder: algumas reflexões sobre o jogo da política. In: DIEGUEZ, Gilda K (Org.). **Esporte e poder**, p. 21-22.

<sup>23</sup> LEVINE, Roberto M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, J. C. S. (org.), **Futebol e cultura**, p.25.

<sup>24</sup> CALDAS, Waldenyr. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**, p. 43.

<sup>25</sup> HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses do futebol brasileiro**, p.47.

<sup>26</sup> SANTOS, Joel Rufino dos Santos. Código, padrão e respeito. In: COSTA, Márcia Regina da.(org.), **Futebol espetáculo do século**, p. 105-106.

A greve de 1917, que chegou a paralisar milhares de operários, fez as autoridades observarem que a cidade necessitava de um esporte de massa. Os operários foram, então, mandados jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir grounds e a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios<sup>27</sup>.

A partir de então o futebol já era praticado por todas as classes sociais, como observa Helal:

*“ Não tardou muito e os campos estavam cheios de jogadores de todos os segmentos sociais e econômicos da sociedade brasileira e, apesar deles serem, em sua maioria, brancos e oficialmente amadores, a característica elitista do futebol começou, gradualmente, a desaparecer ”.*<sup>28</sup>

Assim com a chegada dos anos 20, a tradição elitista do futebol brasileiro sustentada por uma ideologia de exclusão vai desaparecendo, um novo ethos de inclusão dos elementos da cultura popular e cotidiana vai sendo criado e os novos praticantes vão encontrando sua maneira própria de jogar com a miscigenação de culturas, como os movimentos oriundos da capoeira que se incorporaram ao nosso futebol, e até mesmo na linguagem com é o caso da “tesoura”, “rasteira” e outros<sup>29</sup>.

Na mesma década surgem os projetos políticos e culturais revolucionários como o tenentismo, o comunismo, e o modernismo, que são definidores de uma conjuntura de revisão ética, estética e ideológica das propostas da tradição brasileira. Então, uma nova fase do futebol brasileiro é percebida com a democratização e popularização do mesmo, e com a entrada em cena de pretos e mulatos, até então excluídos<sup>30</sup>

Em 1923, devido a sua diretoria estar frustrada pelos resultados dos primeiros sete anos de sua fundação, o Vasco da Gama mandou observadores procurar possíveis jogadores nos clubes de segunda divisão da zona norte. Assim, quando começou a temporada, o Vasco pôs em campo um negro, dois mulatos e oito brancos, os quais quase não sabiam assinar os seus próprios nomes, mas que levaram o Vasco a ganhar o campeonato da cidade<sup>31</sup>. Isto provocou um grande impasse pois como afirma Ronaldo Helal: *“ Até então nenhum time tinha apresentado uma composição racial e social como a*

<sup>27</sup> Ibidem, p.106.

<sup>28</sup> HELAL, op. cit., p. 47.

<sup>29</sup> HERSCHMANN, op cit., p.48.

<sup>30</sup> MURAD, Maurício. Futebol e cinema no Brasil 1908/1998. In: COSTA, Márcia Regina da.(org.), **Futebol espetáculo do século**, p.30.

*do Vasco, havia alguns mulatos em outros times, mas a maior parte dos jogadores, mesmo os que não pertenciam a elite eram brancos*<sup>32</sup>.

Dessa forma o futebol começou a ser visto entre as pessoas de “bem” não como uma prática esportiva salutar, e sim como uma atividade indigna dos de sua classe. Os jornais registravam atritos, arruaças, desordens no meio do público de torcedores, entre os jogadores, dentro e fora dos campos. O futebol passava, em certos ambientes, a significar ocupação de moleques e muitos estudantes ricos, a medida que o esporte ganhava popularidade, voltaram-se para outros esportes finos, como o remo e a equitação<sup>33</sup>.

As equipes formadas por jogadores brancos e ricos reagiram de imediato, criando uma nova liga que excluiria o Vasco, porém sem sucesso, devido a maioria do público preferir assistir os jogos do Vasco em uma liga não oficial. Então as equipes resolveram no ano seguinte, 1925, convidar novamente o Vasco a participar da liga oficial, porém com algumas condições aos jogadores, como o grau de escolaridade, comprovação de renda e emprego, passando a dificultar a transição do futebol amador para o futebol profissional<sup>34</sup>. No final dos anos 20, devido a essas condições muitos jogadores deixaram de jogar futebol e outros foram jogar na Europa, onde o futebol já era plenamente profissional e começava-se a buscar novos talentos nos times latino-americanos, especialmente a Itália de Mussoline<sup>35</sup>

Nessa época, com a crescente urbanização do Rio de Janeiro e São Paulo, o futebol já havia se tornado a fonte principal de lazer do país, pois o esporte se encaixara perfeitamente no modelo urbano-industrial que o Estado republicano brasileiro planejava. Além disso o futebol estava se popularizando em um momento no qual prevalecia no país uma movimentação no sentido de instaurar uma ética capitalista que tinha como um de seus atributos básicos a competição<sup>36</sup>.

A esse respeito, foi criado um impasse sobre qual sistema deveria ser adotado, dividindo os dirigentes dos clubes em dois grupos: os “progressistas”, a favor da implantação do profissionalismo e contando com o apoio de parte da crônica esportiva

<sup>31</sup> LEVINE, op. cit., p. 29.

<sup>32</sup> HELAL, op. cit., p.47.

<sup>33</sup> HERSCHMANN, op. cit., p.51.

<sup>34</sup> MÁRIO FILHO, op. cit., p.120.

<sup>35</sup> Para criar um futebol forte, já pleno profissionalizado, Mussoline começou a buscar talentos nos times latino-americano. (MÁRIO FILHO, p. 200-201).

<sup>36</sup> HERSCHMANN, op. cit., p.100.

recem-criada, e os “conservadores”, que defendiam o amadorismo<sup>37</sup>. Mas devido às pressões das elites o futebol continuou com um sistema dual, amadorismo em tese, e “*profissionalismo marrom*” na prática, continuando a causar um grande êxodo de jogadores para o exterior<sup>38</sup>.

Em 1929, acabara de deflagrar-se nos Estados Unidos<sup>39</sup> uma grande crise mundial e o Brasil incluía-se nesse contexto. A partir de 1930, o país passa por uma nova conjuntura política, com a Revolução de 1930, a qual põe fim às antigas oligarquias dos coronéis ligadas ao café e traz para o cenário social e político os militares, a burocracia estatal, a burguesia industrial e o proletariado urbano, tudo isto ligado à figura do novo dirigente do país, Getúlio Vargas<sup>40</sup>.

Com Vargas, inicia-se uma nova era para o desporto nacional, a da orientação governamental com programas ligados ao desenvolvimento do esporte, pelos quais são regulamentadas algumas profissões, entre elas a de jogador de futebol. Assim em 1933 a C.B.D (Confederação Brasileira de Desporto) deu formalmente posição de empregados aos atletas sob a jurisdição do novo Ministério do Trabalho. Estabeleceram-se ainda as; federações regionais, um sistema de apelação e arbitragem e um sistema tributário através do qual os lucros dos clubes eram dirigidos por lei para os esportes amadores<sup>41</sup>.

Logo após o advento do profissionalismo, o futebol firmou-se como o símbolo maior da integração nacional e uma das maiores fontes de identidade cultural do país, isto justamente durante o Estado Novo(1937-1945) de Getúlio Vargas, quando o mundo passava por regimes totalitários que buscavam a valorização do nacionalismo extremado através de disputas esportivas. Assim afirma José Sebastião Witter: “ *A olimpíada, patrocinada por Hitler, buscava incontestavelmente, mostrar a superioridade alemã face aos demais povos do mundo* ”<sup>42</sup>.

<sup>37</sup> CALDAS, op. cit., p. 44-45.

<sup>38</sup> Em 1931, ocorreu a chamada “invasão italiana”, quando 39 dos melhores atletas do país, rumaram à Itália. No ano seguinte uma nova leva de jogadores partiram para a Argentina e Uruguai, que devido à proximidade geográfica, se tornaria os destinos mais frequentes das futuras migrações (HELAL, p. 49).

<sup>39</sup> Os Estados Unidos era o principal representante do sistema capitalista. Fornecedor de manufaturas e capitais para os países de vários continentes, além de grande importador de matérias-primas e de produtos agrícolas como o café, principal produto de sustento da economia brasileira. Com a crise mundial e a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, eles diminuíram todas as exportações, restringindo ao básico, afetado todos os países que comercializavam com eles.

<sup>40</sup> ARRUDA, op cit., p.325.

<sup>41</sup> LEVINE, op. cit., p. 29.

<sup>42</sup> WITTER, op. cit., p. 83.

No mundial de 1938, na França, o ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, deu ordens expressas à embaixada do Brasil em Paris para oferecer todo apoio possível a seleção brasileira de futebol<sup>43</sup>. Em 1942, o governo criou o Conselho Nacional de Desportos – CND – com o objetivo de orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desporto do país. Portanto, é possível perceber que Vargas reconheceu o esporte, principalmente o futebol, como arma de forte apelo popular, passando a utilizá-lo como um meio de comunicação de massa e com objetivo de unidade nacional, criando um novo estilo de fazer política, Dessa forma José S. Leite Lopes comenta:

*“...as maiores intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores, aproveitando a popularidade adquirida pelo futebol nos anos 30, aconteceram no estádio São Januário, do Vasco da Gama...É ali que adoção do salário mínimo é anunciado em 1940, ou a criação das leis do trabalho em 1943”<sup>44</sup>.*

Para reafirmar o desenvolvimento do futebol brasileiro como esporte de massa podemos, ainda, destacar as ondas do rádio, que a partir de 1938, tornou-se um forte instrumento de manipulação das massas, passando a fazer coberturas esportivas nos estádios de futebol. Assim, Nelson Rodrigues deu bastante ênfase a atuação do rádio na divulgação do futebol brasileiro, como descreve Fátima Antunes ao comentar que Nelson Rodrigues elogiava a emoção ininterrupta que as transmissões radiofônicas das partidas de futebol proporcionavam aos torcedores, capaz de levá-los à exaustão emocional<sup>45</sup>.

Com os acontecimentos na Europa durante a década de 40 que culminaram na Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), as disputas esportivas foram interrompidas e os campeonatos mundiais de futebol também. Assim, devido a Europa está em pedaços após a guerra, a FIFA<sup>46</sup> resolveu realizar o IV Campeonato Mundial de Futebol em 1950 no Brasil, o que marca o início de uma década importante para o reconhecimento internacional do futebol brasileiro<sup>47</sup>

<sup>43</sup> GONÇALVES, op. cit., p. 23.

<sup>44</sup> LOPES, Sebastião S. Leite. **A vitória que incorporou a pelada**, p. 77.

<sup>45</sup> ANTUNES, Fátima. Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro: de vira-latas a moleque genial. In: COSTA, Márcia Regina da.(org.), **Futebol espetáculo do século**, p. 189.

<sup>46</sup> A FIFA, foi fundada em 1904, por sete países europeus – Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Países Baixos, Suécia e Suíça – a Federação Internacional Association, com o objetivo de realização de uma grande realização de uma grande competição internacional entre seus afiliados. Hoje ela possui 204 países afiliados.(RAMALHO, p. 28)

<sup>47</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**, p. 20.

### 3. O despertar do mundo para o futebol brasileiro

Os anos 50 e começo dos 60 caracterizaram-se, a princípio, pela industrialização e pelo nacionalismo presentes no segundo governo de Vargas e, posteriormente pela definição de um projeto de desenvolvimento e modernização para o país. Assim, a ideologia política do governo brasileiro passou a contar com o apoio de um forte aliado, a Copa do Mundo de 1950, levando o governo a não medir despesas para mostrar que o Brasil de fato era o país do futebol e uma nação em pleno desenvolvimento, construindo, em cerca de 2 anos, o maior estádio de futebol do mundo, o Mário Filho, o popular “Maracanã” com capacidade para 200 mil espectadores<sup>48</sup>.

É também nesta época que se dá a consolidação de uma nova fase do futebol brasileiro, a profissionalização dos jogadores, quando os mesmos passaram a ter contratos que lhe davam maior segurança e podiam ser negociados com maior facilidade, desta forma os jogadores passaram apenas a viver do futebol e aperfeiçoarem-se, tendo paralelo a isso o grande desenvolvimento científico, na área esportiva<sup>49</sup>.

Com a realização do IV Campeonato Mundial de Futebol no Brasil, as atenções mundiais se voltaram para o ele, o até então exportador de café e agora o país do futebol. Este período marca também o início da televisão no Brasil, em princípio um aparelho caro e de acesso exclusivo daqueles que tinham condições financeiras para adquiri-lo, mas que posteriormente se tornaria o principal divulgador do futebol no Brasil e no mundo<sup>50</sup>.

Dessa forma, criou-se no povo brasileiro uma ideologia de miscigenação, que como já citado, foi construída nos anos 30, valorizando a fusão das raças e das culturas, dando origem ao povo brasileiro. Fátima Antunes considera que a partir da idéia de “síntese” racial e cultural chegar-se-ia à definição de uma “identidade nacional” ou de traços de personalidade que delineariam o caráter nacional. Porém, apesar de toda a euforia criada no público brasileiro, seja pela imprensa, bastante pessimista quanto à conquista, devido aos bons resultados alcançados pela equipe brasileira no início da competição de 1950, disseminando um sentimento de que a taça seria do Brasil, ou seja pelo sentimento nacionalista pregado na época, preocupando-se com a imagem do Brasil aos olhos do mundo, quando a seleção divulgaria ao mundo que os brasileiros não era um povo “selvagem” e sim civilizado, capaz de ganhar um campeonato, de um esporte organizado

---

<sup>48</sup> HELAL, op. cit., p. 51.

<sup>49</sup> WITTER, op. cit., p. 26-27.

pela elite inglesa<sup>51</sup>. Mas o dia “16 de junho” ficou marcado na memória do povo brasileiro com a frustração causado pela perda do campeonato. Sebastião Witter descrevera a narração de Paulo Perdigão na Rádio Nacional em 16 de junho de 1950, ao final do jogo:

*“Ao contrário do time, que se recolheu mal encerrada a partida, a torcida não abandonou o estádio. Nas arquibancadas superlotadas, nas cadeiras e nas gerais, ninguém se mexia. Quietos, muitos chorando, todos passavam por uma experiência atroz, mergulhados num êxtase terrível. O estádio era pluralidade de solidões: nessa “coletividade serial”, cada um, perdido na multidão, vivia uma solidão extrema, carregando consigo o fardo de sua própria dor, por mais que reconhecesse, no olhar do outro, a coexistência de uma emoção comum. Assim todos permaneceram para assistir o próprio Jules Rimet, um velhinho de 76 anos, óculos preto e cabelos branco, entregar a Copa do Mundo, não a Augusto, capitão da seleção brasileira, como se previa, mas ao nosso principal adversário Obdúlio Varela”<sup>52</sup>.*

Em seguida José Sebastião Witter descreve: *“O país se transformou num grande velório no qual a tristeza era tão profunda que não se ousava falar... bastava um gesto, um olhar e a expressão do desalento era compreendida, como que dizer... como foi possível, santo Deus..”<sup>53</sup>*. A população brasileira ficara inconformada com o “fracasso”, levando a década de 1950, antes nacionalista e modernista, a cair no descrédito, toda vez que se mencionava a derrota.

Tentou-se, então, encontrar explicações para o tal “desastre” produzindo-se uma momentânea reverberação do racismo, o qual relatórios médicos foram feitos sigilosamente pela CBD, chegando-se à conclusão de que o problema brasileiro estava na alma dos jogadores, que eram muito nostálgicos, sentiam muito a falta de casa, da comida, principalmente os negros. Os reflexos dessas conclusões foram sentidos no “branqueamento” da seleção que disputaria a Copa de 1958, pois a antes exaltada fusão de raças, teria sido a causadora da instabilidade emocional que culminaria na derrota de 16 de junho de 1950, além de trazer aspectos negativos para o reconhecimento e respeito internacional para a nação brasileira.<sup>54</sup> Com isso, alguns autores passaram a destacar o ano de 1950 como um divisor de águas, tanto para o futebol quanto para idéia de brasilidade, como se houvesse um futebol antes e outro depois de 50, somente superado em 1958 com a conquista do mundial na Suécia, que alterou toda essa imagem pessimista criada em 1950.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>51</sup> ANTUNES, op. cit., p. 193.

<sup>52</sup> WITTER, op. cit., p.41.

<sup>53</sup> Id., Futebol...futebol. In: MEIHY, J. C. S. (org.), *Futebol e cultura*, p. 84.

<sup>54</sup> ANTUNES, op. cit., p. 194.

A crença na capacidade e no potencial do futebol brasileiro, estampada na própria música-tema desse campeonato, era extensiva a todo o povo com “ A taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa.” Os textos de Nelson Rodrigues demonstravam esta mudança de pensamento, quando ele próprio atribuía o fracasso de 1950 à instabilidade nacional e suas causas atribuídas à falta de consciência nacional, a falta de convicção do povo brasileiro quanto aos seus reais potenciais, e acreditava que o povo brasileiro sofria de um ufanismo invertido, pois desconfiava-se de seus próprios méritos, passando a defender a necessidade de restaurar a fé no futebol brasileiro<sup>55</sup>.

Então, após a vitória na Suécia Nelson Rodrigues estava eufórico, como podemos perceber em sua crônica:

*“(...) Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional (...) O povo já não se julga mais vira-latas. Sim, amigos: - o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas. Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo”<sup>56</sup>.*

Após a Copa da Suécia o futebol brasileiro passou a viver uma nova fase, o reconhecimento internacional, pois o esporte realmente havia promovido o Brasil no exterior e a década de 60 viria para reafirmar o reconhecimento do mundo ao futebol brasileiro. Dessa forma chegaríamos em 1962 ao Bi-campeonato mundial no Chile, criando, segundo Nelson Rodrigues, um traço decisivo do caráter brasileiro: a molecagem livre, inesperada, ágil e criativa, tendo no seu principal representante e divulgador a figura do Mané Garrincha<sup>57</sup>. Dessa forma o Brasil entrara no rol das grandes nações, pelo menos no mundo do futebol, conquistara uma espécie de cidadania internacional.

A chamada fase de ouro do futebol brasileiro se encerraria em 1970 no México, quando definitivamente alcançou o reconhecimento internacional de um estilo próprio de jogo, destacando-se a criatividade e habilidade do jogador brasileiro bem diferente do jogador europeu.

Mas o sucesso esportivo no âmbito externo contrastava com a triste realidade política que o país atravessava, pois em 31 de março de 1964 um novo período ditatorial se instalava no Brasil, e o futebol, como já foi observado sempre ligado aos acontecimentos

---

<sup>55</sup> Ibidem

<sup>56</sup> Apud ANTUNES, op. cit., p. 202.

<sup>57</sup> RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*, p. 81-82.

políticos e econômicos, caminha para uma nova fase chamada “militarização” que será melhor apresentada no próximo capítulo.

## II – USOS POLÍTICOS NO FUTEBOL

### 1 – Os militares assumem o poder

O ano de 1964<sub>z</sub> marca toda a história política brasileira. Pois, a inflação e a instabilidade interna atingia índices insustentáveis, e o governo constitucional de João Goulart estava espremido entre; a mobilização golpista, onde reunia a maior parte da cúpula militar, juntamente com as correntes políticas de oposição a João Goulart, o empresariado, e as classes conservadoras receosas que a questão política do desenvolvimento nacional extravasasse as regras impostas pelo modelo capitalista, e o crescente movimento de massas que exigia a implantação de reformas estruturais<sup>1</sup>. E aliado a tudo isso, os Estados Unidos que utilizavam uma política de “Aliança para o progresso”, influenciando as classes conservadoras. Podemos observar essa presença norte-americana, mesmo que indiretamente na política brasileira, quando Thomaz Skidmore afirma:

*“ ...Enquanto isso em Washington o assessor de segurança nacional, McGeorge Bundy, monitorava pessoalmente o tráfego telegráfico de informações originária do Brasil, sinal indisfaçável da preocupação da Casa Branca de que o país desse uma guinada para a esquerda ”<sup>2</sup>*

Mas os acontecimentos que levaram ao golpe de 64 são bem anteriores, pois logo após a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, subitamente assumiria o seu Vice-presidente, João Goulart, sucessor legal. Na ocasião o mesmo encontrava-se na República Popular da China, realizando uma visita de boa vontade. Assim, antes de sua volta, três ministros militares anunciaram que não lhe seria permitido assumir a presidência, alegando que na condição de ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, Jango havia entregue cargos-chave da administração nas mãos de “agentes comunistas”. Dessa maneira eles presumiam poder impor o veto ao direito de Goulart à sucessão. Porém isso não aconteceu devido as manifestações denominada de “movimento pela legalidade” de âmbito nacional que exigia o respeito dos militares ao direito legal de Jango, como Vice-presidente, a assumir à presidência do Brasil<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> LOPEZ, op. cit., p. 113-114.

<sup>2</sup> SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**, p. 20.

<sup>3</sup> VIEIRA, Evaldo. **A república brasileira**, p. 7.



Para solucionar o impasse, as partes envolvidas entraram em um acordo pelo qual Goulart assumiria à presidência com os poderes reduzidos. Assim através de uma emenda Constitucional, transformou-se o Brasil em uma República Parlamentar<sup>4</sup>. Ao mesmo tempo ficava acertado que, logo após a posse de Jango, uma de suas primeiras medidas seria a realização de um plebiscito para saber a “opinião” do povo sobre o parlamentarismo<sup>5</sup>.

João Goulart então tomou posse no dia 7 de setembro de 1961, indicando Tancredo Neves como Primeiro-Ministro. E o sistema parlamentarista resistiu até 6 de janeiro de 1963, quando foi realizado o plebiscito que trouxe de volta o presidencialismo e Jango passou a ocupar o cargo de Presidente da República.

Dessa forma, Jango assumiu o país cheio de problemas sociais e econômicos, com uma infra-estrutura deplorável, dependência quase total da tecnologia importada, grandes contrastes entre a cidade e o campo, e inúmeros outros. Com isso a solução seria a criação de um plano econômico urgente visando combater o caos no qual o Brasil se encontrava. Então ele passou a defender um conjunto de “Reformas de base” que incluía reforma agrária, educação, e habitação<sup>6</sup>.

Os militares e a UDN começaram então a afirmar que Goulart não tinha intenção de executar reformas e sim preparar o terreno para a tomada do comunismo, acusando-o de violar a Constituição de 1946, cabendo portanto, o recurso do *impeachment*. Porém, para a realização do mesmo, necessitava-se da maioria dos votos da Câmara dos Deputados e os adversários de Goulart não a possuíam, criando-se assim, um impasse para os militares insatisfeitos com o governo de Jango, pois não havia meios legais para afastá-lo da Presidência da República<sup>7</sup>.

O presidente então encontrava-se cada vez mais cercado. Dessa forma, alguns nacionalistas radicais o aconselharam a preterir os usos políticos, e levar a luta diretamente ao povo, passando, ele, a fazer uma série de comícios nos quais anunciava suas reformas<sup>8</sup>. Porém, enquanto isso, os partidos de esquerda divergiam entre si; de um lado o PCB (Partido Comunista Brasileiro) o qual seguia a linha de Moscou, pedia cautela, e por outro

---

<sup>4</sup> O Parlamentarismo é uma forma de governo, onde o responsável pela administração é o Primeiro-Ministro.

<sup>5</sup> VIEIRA, op. cit., p. 9.

<sup>6</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 31.

<sup>7</sup> VIEIRA, op. cit., p. 11.

<sup>8</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 41.

lado o PC do B (Partido Comunista do Brasil) que, seguia a linha de Pequim, solicitava medidas radicais, ficando Jango praticamente isolado<sup>9</sup>.

Assim a 31 de março de 1964, devido a desorganização das esquerdas, a falta de uma verdadeira consciência democrática e a passividade da população, e inspirados na “Doutrina de Segurança Nacional” formulada pela Escola Superior de Guerra (ESG)<sup>10</sup> a qual anunciava a iminente “invasão vermelha” ao país, os militares tomaram o poder do país, através de um golpe militar, que ficou conhecido como Golpe de 64, apoiados por grande parte da imprensa, políticos e civis, dando-se início a uma série de governos militares que permaneceram no poder até 1985<sup>11</sup>.

Durante este período montou-se uma nova ordem política, caracterizada fundamentalmente, pela anulação das liberdades democráticas estabelecidas no período anterior. Organizou-se então, uma estrutura política que dava ao Executivo, dominado por militares, amplos poderes, reduzindo a atuação do Legislativo e Judiciário, ao mesmo tempo que os poderes estaduais e municipais perderam sua autonomia, passando a simples executores das decisões Federais<sup>12</sup>.

O Supremo Comando Revolucionário indicou o General Castelo Branco como candidato único, apoiado pela cúpula militar, governadores e a burguesia. Então a 11 de abril de 1964, o General Humberto de Alencar Castelo Branco “elegeu-se” o primeiro Presidente da República após o Golpe de 64. E logo no começo do seu governo pregou o respeito a Constituição de 1946, assegurando que iria cumpri-la, cultuando, também, a democracia e o processo de redemocratização. Porém a democracia limitou-se apenas a palavras, pois entre 1965 e 1966, ele baixou 3 atos Institucionais, 36 atos Complementares, 312 Decretos-leis e 19.259 Decretos. Além de ocorrerem 3.747 atos punitivos, com uma média de 3 por dia<sup>13</sup>.

Em 1967, através novamente de uma eleição indireta, assumia a presidência da República o Marechal Arthur da Costa e Silva, anunciando as mesmas medidas que o

---

<sup>9</sup> *Ibidem*

<sup>10</sup> A Escola Superior de Guerra foi estabelecida no Brasil em agosto de 1949, durante o governo do General Eurico Gaspar Dutra, com a finalidade de examinar problemas de segurança nacional, constituindo-se o aparelho ideológico no interior das Forças Armadas, que a partir da década de 50, com o crescimento da guerra fria, alio-se aos Estados Unidos, visando combater o comunismo. Mas sua doutrina se enraizou durante os anos 60, preconizando a importância e urgência do planejamento e do controle de natureza estratégica, justificando a progressiva militarização de todos os níveis da sociedade. (BARROS, p. 21).

<sup>11</sup> LIMA, op. cit., p.23.

<sup>12</sup> VIEIRA, op. cit., p. 23.

governo anterior de Castelo Branco havia prometido e não cumpriu, assim “jurava fidelidade” a nova Constituição de 1967, e mais uma vez ficou apenas em palavras. O seu governo enfrentou um ano de bastantes manifestações, levando-o, visando combater as agitações civis, criar, a 13 de dezembro de 1968 o ato Institucional nº 5. Este o mais severo de todos, considerado por muitos “um golpe dentro do golpe” ou um “segundo golpe de Estado,” que entre outras coisas fechava o Congresso Nacional, extinguiu os partidos políticos da época (ARENA e MDB), concentrando todos os poderes no Executivo, ao mesmo tempo se iniciava um clima de repressão exagerada, como prisões injustas, abuso de poder e torturas, principalmente a estudantes e grupos políticos e culturais. Assim, o jornalista Zuenir Ventura, escreveu um livro de pesquisa sobre o período “o ano que não terminou”<sup>14</sup>.

Nesta conjuntura se chegava ao final de agosto de 1969, quando Costa e Silva, devido a seu grave estado de saúde, foi afastado do cargo ficando o seu vice, o civil Pedro Aleixo<sup>15</sup>, impedido de assumir a presidência por uma junta militar, o qual baixou a emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969. Assim a 30 de outubro a ditadura “linha dura” impôs o General Emílio Garrastazu Médici como o novo Presidente, “eleito” pelo Congresso Nacional que foi reaberto para elegê-lo. Com isso, inicia-se no governo de Médici o chamado “Milagre Brasileiro”.

## 2 – O Milagrê da Ditadura

Em outubro de 1969, Médici assumiu o governo, cuja imagem seria cuidadosamente trabalhada pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) desde os primeiros instantes de seu governo, tornando-se o terceiro Presidente militar do Brasil no Regime de 64. E novamente assumiu com promessas de entregar o país ao fim de seu governo em pleno regime democrático, porém já era perceptível que isso não se tornaria realidade quando observamos suas própria palavras: “*A plena democracia é ideal que, se algum lugar já se realizou, não foi certamente no Brasil*”<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Ibidem

<sup>14</sup> Ver VENTURA, Zeunir, 1968: **O ano que não terminou**.

<sup>15</sup> Não era bem visto entre os militares por ser civil e ter sido contrário ao Ato Institucional nº 5.

<sup>16</sup> VIEIRA, op. cit., p. 29.

O seu governo foi marcado pela repressão dura e implacável, construindo um vasto esquema de combate à sua oposição tanto armada quanto desarmada. Era um esquema composto por uma rede de informações políticas de órgãos voltados para ações especificamente repressivas, e de grupos de controle político no interior das próprias Forças Armadas, realizada sobretudo pelo SNI (Serviço Nacional de Informações) ligado diretamente ao poder Executivo. Criou-se também, no sentido de ter seu próprio centro de informações “anti-submersivas”, o CIEX (Exército), CENIMAR (Marinha) e o CISA (Aeronáutica), e o CODI (Comando Operacional de Operações Internas) que tinha como órgão executor o DOI (Destacamento de Operações Internas) que eram “forças de ataque” de militares e policiais, todos em trajes civis que se dedicavam a conseguir informações à força não poupando mentes e corpos para isto<sup>17</sup>. A partir de então, ocorreram assaltos a bancos, ataques a quartéis e sequestros de embaixadores<sup>18</sup>, e o governo aumentou ilimitadamente a repressão, passando à atacar e exterminar os partidários de grupos armados que agiam na clandestinidade<sup>19</sup>, criando para isso operações repressivas que iam desde da realização de barreiras, a fim de revistar veículos e pessoas, até invasões de residências. Dessa maneira, nesta época, praticou-se inúmeros atos ilícitos que somente após o funcionamento da Justiça Militar pós Constituição de 1988 permitiu-se registrar-se em seus arquivos, os mais horríveis detalhes da História da repressão, dando razão ao documentário Brasil: Nunca Mais<sup>20</sup>.

A censura foi outro instrumento governamental de repressão, assim através do decreto-lei nº 1.077, regulamentou-se a emenda constitucional nº 1 obrigando jornais e revistas a registrarem-se na Polícia Federal e obedecerem a uma série de exigências<sup>21</sup>. Com isso censurava-se assuntos de atividades políticas estudantis, movimentos trabalhistas, pessoas privadas dos seus direitos políticos e más notícias sobre economia<sup>22</sup>. Este tipo de ação era totalmente contrária a propaganda conduzida pela AERP a qual impedia que a mídia lançasse qualquer dúvida sobre uma nação dinâmica e eficientemente governada pelos militares. Portanto os meios de comunicação mais importantes que se apresentava na

---

<sup>17</sup> VIEIRA, op. cit., p. 35.

<sup>18</sup> Sequestraram diplomatas de várias nacionalidades como: norte-americana, alemã, japonesa e suíça.

<sup>19</sup> Destacou-se entre os guerrilheiros a figura de Carlos Lamarca que chefiava operações de sequestros e guerrilhas.

<sup>20</sup> Ver ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca mais**.

<sup>21</sup> VIEIRA, op. cit., p. 36.

<sup>22</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 267.

época como a televisão e o rádio passaram a serem fortemente controlados, surgindo os famosos *Slogans* ufanistas como “você constrói o Brasil”, “Ninguém Segura Este País”, “Brasil Ame-o ou Deixe-o”, além de controlar também, os meios culturais de expressões como a música, levando compositores-cantores como Caetano Veloso e Gilberto Gil a se auto exilarem por dois anos<sup>23</sup>.

Porém, nesta época, o Brasil conseguiu obter um grande desenvolvimento econômico, registrando sucessivos aumentos do Produto Interno Bruto (PIB) que subiu à média anual de 10,9% de 1968 a 1974. A indústria cresceu 12,1%, principalmente a automobilística. Tudo realizado através do programa do ministro da Fazenda Delfim Neto que baseava-se na expansão do mercado interno, modernização do sistema de crédito e uma nova política de exportação, fortalecendo o setor estatal nas áreas de petróleo (Petrobrás), siderurgias e energia (Usina de Itaipu), setores em que o empresário não tinha interesse de investir, por serem pouco rentáveis<sup>24</sup>. O setor que mais cresceu na época foi o de bens duráveis: eletrodomésticos e, principalmente, carros, ônibus e caminhões, deixando as indústrias de automóveis no auge da produção. Houve também um aumento total de investimentos estrangeiros e estatais no Brasil, surgindo os enormes supermercados e grandiosos *Shooping centers*<sup>25</sup>.

Mas, segundo Caio Prado Junior, o país recebeu uma generosa acolhida da política externa, acabou provocando a rápida subida da dívida externa, passando dos 3,8 bilhões de dólares em 1968, para 12,5 bilhões de dólares em 1973. Assim o resultado dessa inconsequente política econômica, em termos reais sem necessidades para o país, a qual se iludia com as facilidades proporcionadas pelo abundante afluxo de recursos externos que a conjuntura internacional especulativa, determinava ao Brasil, levando o país a entrar em uma nova fase de evolução econômica o “Milagre Econômico” que, enquanto era comemorado, a dívida externa crescia bem mais de três vezes<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup> BARROS, Edgard Luiz de. *Os governos militares*. p. 45.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>25</sup> *Ibidem*,

<sup>26</sup> PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*, p. 352.

### 3 – A integração do país pelo futebol

Neste clima de euforia econômica provocado pelo “Milagre Brasileiro”, o governo Médici ganhou um forte aliado em sua política de “Brasil Grande”, a conquista da Copa do Mundo de futebol em 1970. Pois em 21 de junho de 1970, a seleção brasileira derrotou o time italiano e se tornou tricampeã do mundo.

Em uma de suas crônicas, Armando Nogueira já transparece a mistura de um futebol ideal com a determinação e bravura de um povo, quando escreve:

*“Cidade do México, 21 de junho de 1970. – Meio-dia no Estádio Azteca. Aos pés de Pelé, a bola, cujo destino os deuses do futebol hão de tecer com fios de todas as virtudes: a arte de Gérson, a humildade de Zagalo, a bravura de Jairzinho, a técnica de Rivelino e a determinação de vitória de Pelé, jogador-símbolo de uma equipe que realizou, no Mundial de 1970, todo o ideal do futebol: arte, técnica, humildade, bravura e determinação de vitória”<sup>27</sup>.*

O governo não perdeu tempo em explorar esta conquista, pois o futebol já despertara interesse do regime militar como um excelente veículo de divulgação para suas mensagens ufanistas e no seu projeto de integração nacional. Assim, logo após a conquista no México, Médici fazia o seguinte discurso:

*“Sinto uma profunda felicidade ao testemunhar a alegria de nosso povo nesta elevada forma de patriotismo. Identifico esta vitória conquistada na fraternidade do esporte com ascensão da fé em nossa luta pelo desenvolvimento nacional. Identifico o sucesso de nossa seleção com ... a inteligência e a bravura, a perseverança e serenidade de nossa capacidade técnica, preparo físico e altura moral. Acima de tudo nossos jogadores venceram porque souberam como ... jogar pelo bem coletivo”<sup>28</sup>.*

Então a AERP entrou em campo, associando futebol, música-popular, presidente Médici e progresso brasileiro<sup>29</sup>. A marchinha do “Prá Frente Brasil”, ganhou dimensões gigantescas em todo o país, o *slogan* do governo dizia “Ninguém segura mais este país” e os meios de comunicações divulgavam o amor do General Médici pelo futebol, em suas frequentes idas aos jogos de futebol, principalmente aos da seleção e do Flamengo, com seu rádio de pilhas inseparável, portanto essa seria uma forma de tentar criar laços de identificação entre o povo e o seu representante<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> ARMANDO, Nogueira. *Bola na rede*, p. 162.

<sup>28</sup> LEVER, op. cit., p. 97.

<sup>29</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 223.

<sup>30</sup> LIMA, op. cit., p. 37.

O governo decretou, devido a conquista no México, feriado nacional para que o povo pudesse fazer o carnaval de recepção para a seleção Brasileira tricampeã do mundo, um feito até então inédito, a conquista definitiva da Taça Julis Rimet. Assim os jogadores voaram diretamente do México para Brasília, quando no Palácio do Planalto foram recepcionados por Médici e cada jogador recebeu um prêmio de US\$ 18.500 livre de impostos, e o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, com verbas públicas, deu um automóvel a cada um dos integrantes da seleção brasileira<sup>31</sup>. Dessa maneira o povo festejava euforicamente a grande conquista, contrastando com o “lado negro” do regime que paralelamente a isto se desenvolvia a todo vapor.

No êxtase que envolveu à nação antes, durante e depois da Copa do México, lançaram-se as bases de importantes modificações nas relações entre Estado-futebol<sup>32</sup>. Esta seria a grande arma que os militares teriam para neutralizarem as críticas estrangeiras à repressão interna e uma nova estratégia de “pão e circo”, que viria marcar grande parte da década de 70, funcionando brilhantemente, para desgosto da oposição. Assim nasce uma nova fase no futebol brasileiro, a “militarização”, em que os militares, com um projeto de construção de uma identidade nacional, tão exaltado nos anos 60 por Nelson Rodrigues como observamos no capítulo anterior, assumem o controle do futebol visando o controle social, e para isto subsidiaram clubes, controlaram federações e campeonatos, construíram estádios, e entre outros fatos. Esta integração pode ser percebida nas palavras destacadas por Janet Lever, quando ela cita:

*“... A capacidade paradoxal do esporte de reforçar as divisões sociais, ao mesmo tempo em que transcende, faz com que o futebol, o mais popular esporte do Brasil, se torne o mais perfeito modo de alcançar uma união mais perfeita entre grupos múltiplos. Os clubes de futebol locais publicamente sancionam e exprimem os mais profundos sentimentos primordiais de sociedade, enquanto o sucesso fenomenal da seleção nacional acentuou o orgulho de todos os brasileiros em sua cidadania”<sup>33</sup>.*

Então visando à tal integração nacional, devido o país possuir grandes extensões territoriais, dividido por um acentuado regionalismo, onde as grandes distâncias dificultavam as comunicações entre regiões, e por uma população diversificada em termos culturais, étnicos e econômicos, o futebol seria a força que uniria o país de norte a sul. Já

---

<sup>31</sup> BARROS, op. cit., p. 61.

<sup>32</sup> LIMA, op. cit., p. 38.

<sup>33</sup> LEVER, op. cit., p. 27.

em 1969, a fim de produzir receita para o financiamento de programas do governo<sup>34</sup>, foi criada a Loteria Esportiva que logo tornou-se “mania nacional”, sendo feito uma grande divulgação do jogo em todo país, com slong do tipo “aprenda a ficar rico”. Isso levou a loteria a movimentar cerca de 10% de todo dinheiro em circulação em 1974, seria uma forma de conciliar o rendimento do jogo em termos econômicos para o governo e criar uma certa integração nacional, pois a loteria forçava os torcedores a estudarem e conhecerem melhor as equipes do “país inteiro”<sup>35</sup>. Devido tal aceitação populacional da Loteria Esportiva, o governo pressionou a CBD a instituir um campeonato nacional, a fim de que houvesse jogos para loteria durante o ano inteiro, e em troca da expansão da temporada de futebol de 40 para 85 jogos, o Ministro da Educação e Cultura oferecia um percentual a CBD e financiava o custo do transporte aéreo necessário às equipes participantes do campeonato<sup>36</sup>. Dessa forma em 1971, nasceu o primeiro campeonato brasileiro de futebol, passando a abrigar, senão todos os estados, a maioria deles, que obtinha condições para participar do campeonato.

Com o advento do campeonato nacional, o aumento da população e a integração entre regiões, se fazia necessário palcos maiores para comportar o evento. Então a partir de 1970 foram construídos vários estádios de futebol grandiosos, inseridos no contexto das grandes obras faraônicas do regime, com capacidade para mais de 70 mil pessoas e alguns chegando a 100 mil espectadores. Em Recife em 1972 chegou-se a planejar e construir três estádios, todos com capacidade acima de 80 mil espectadores, como relata Luis Henrique Toledo: “(...) *muita gente acha um absurdo essa febre de construir estádios. Seria muito melhor a união em torno de um único bom estádio, a exemplo do que anda acontecendo em outras capitais(...)*”<sup>37</sup>. A exemplo de Recife, alguns estados do Brasil passaram a construir seus estádios grandiosos de futebol, como São Paulo (Morumbi), Maceió (Rei Pelé), Ceará (Castelão), Rio Grande do Norte (Machadão) entre outros.

Outro ponto que não pode deixar de ser ressaltado como excelente divulgador do Regime Militar de 64, tanto no plano interno como no externo, é a figura do melhor jogador do mundo em 1970, o Edson Arantes do Nascimento, o popular Pelé. Ele permitiu

<sup>34</sup> Os lucros eram destinados a assistência nacional de programas para idosos e educação.

<sup>35</sup> LEVER, op. cit. p. 94-95.

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> TOLEDO, op. cit., p. 25.

a utilização de sua imagem fosse usada para exacerbar o orgulho nacional e os desejados valores cívicos tão exaltados pelos militares<sup>38</sup>. Assim, em uma entrevista citada por Levine, quando perguntado por um jornalista estrangeiro sobre a Ditadura Militar Pelé respondeu: *“Não há ditadura no Brasil, o Brasil é um país liberal, uma terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós, e nos governam com tolerância e patriotismo”*<sup>39</sup>. Então Pelé vendia esta imagem para o mundo, do país que tudo dava certo, de um país sem ditadura, sem repressão e sem pobreza. Internamente ele era visto como um herói nacional vencedor de todas as dificuldades impostas pelo destino da vida, sendo o maior representante da classe pobre que conseguiu vencer, dentro do sistema de governo imposto pela ditadura que lhe proporcionou condições favoráveis para isto. Os livros traziam a foto de Pelé, como o maior exemplo de civismo no país, quando ele respeitava os valores sociais estabelecidos pela sociedade brasileira e o grande realizador de um trabalho de equipe semelhante a hierarquia militar, ponto fundamental dentro das Forças Armadas<sup>40</sup>. Portanto, a partir de 1970 a relação do torcedor e o futebol adquiriu outros contornos, que foram além da simples paixão de se jogar futebol, tornando-se, como já foi exposto, um esporte largamente incentivado pelo Estado e a mídia, a trabalho do governo, que tomou proporções gigantescas e incontroláveis, levando o Campeonato Nacional de 1979 ter a participação de 94 clubes<sup>41</sup>. Tudo isso levaria mais tarde, em fins da década de 70, ao futebol brasileiro sofrer às consequências desse abuso.

#### 4 – A decadência da Ditadura e a crise do futebol brasileiro

Os anos dourados do futebol e da política econômica do regime Militar de 64 tomaram outros rumos a partir de 1974, no governo de Ernesto Geisel. A fragilidade do milagre ficou bem mais clara com a crise do petróleo, em fins de 1973, em consequência da guerra entre árabes e israelenses no Oriente Médio, que consequentemente levou nos grandes produtores de petróleo da OPEP a elevarem absurdamente o preço do barril de petróleo. Isso causou um grande transtorno nos países do mundo inteiro, principalmente os

<sup>38</sup> LEVINE, op. cit., p. 36.

<sup>39</sup> Ibidem

<sup>40</sup> Ibid.

<sup>41</sup> HELAL, op. cit., p. 53.



Estados Unidos que consumia uma grande quantidade de petróleo oriundo desta região, criando uma crise interna no país, pois sua economia estava diretamente ligada ao petróleo, levando assim o país a tomar algumas medidas para absorver o choque, reduzindo as despesas, principalmente as importações<sup>42</sup>. Por conseguinte os países que comercializavam com os Estados Unidos sofreram diretamente as consequências, como o Brasil, que sofreu um duplo impacto, pois o país tinha aderido, durante o governo militar de 64, ao desenvolvimento rodoviário com a abertura de estradas como a construção da Transamazônica, de 5 mil quilômetros, cortando o coração da floresta e ligando o país ao norte brasileiro, atendendo os interesses políticos de integração nacional, porém as estradas já faziam parte dos planos de Kubitschek que tinha decidido, durante seu governo em 1950, ampliar o sistema rodoviário ao invés do ferroviário, justificando que um país tão vasto o custo inicial por milha era mais barato para construir uma rodovia do que uma ferrovia, então logo aparecia os caminhões Mercedez-Bens cruzando o país, movidos pelo óleo diesel, facilmente disponível e barato no mercado internacional<sup>43</sup>. Assim para sobreviver a crise internacional e continuar o “desenvolvimento”, o governo de Geisel pegou grandes empréstimos de capital estrangeiro, gerando assim uma dívida interminável devido as altas taxas de juros cobradas no mercado internacional.

Portanto o país estava pagando pelo alto preço gerado pelo desenvolvimento econômico do governo Médici havia trazido, que preferia oferecer automóveis e eletrodomésticos à população, ao invés de alimentos. Dessa forma em menos de cinco anos o falso milagre criado pelo regime militar de 64 mostrou sua verdadeira face, pois além das dificuldades das empresas pequenas e médias, principalmente nacionais, não ocorreu a prometida distribuição de renda, e sim o contrário, concentrando-se a riqueza do país nas mãos de cerca de 5% da população brasileira, então os ricos ficaram mais ricos, enquanto os pobres ficaram mais pobre<sup>44</sup>.

Dessa maneira depois do tão festejado milagre brasileiro como “o Brasil potência emergente”, vislumbrava-se neste momento, os focos de pobreza e o mais violento processo de desnutrição da história brasileira, assim o milagre econômico caía na real situação, que o país encontrava-se inserido no contexto do capitalismo mundial.

---

<sup>42</sup> VIEIRA, op. cit., p. 40.

<sup>43</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 350.

<sup>44</sup> PRADO Jr., Caio, op. cit., p. 356.

Nesse contexto de desilusão econômica, o futebol também entra em uma grande decadência. A apresentação pobre na Copa da Alemanha em 1974, quando a seleção mal dirigida e sujeita a enormes pressões internas, levou jogadores a simularem contusões e conseqüentemente a perda do título da competição, mostra uma nova realidade do futebol brasileiro. A desorganização da CBD, que estava sob a direção de políticos da ARENA, agravou-se, chegando a realizar, em 1974, um campeonato nacional com 74 clubes, e em 1978 chegariam a um maior absurdo, com disputa de 94 clubes, tudo ligado a troca de favores pessoais ou militares, pois valia qualquer coisa: carta de políticos, senadores e ministros<sup>45</sup>. Assim o público se afastou gradualmente dos estádios, noticiava-se violência nos jogos por parte das torcidas organizadas, os principais jogadores começaram a ser vendidos para o exterior, principalmente à Itália e os altos preços dos ingressos se contrastava com a pobreza da população brasileira<sup>46</sup>.

Em 1978, no Mundial da Argentina, a CBD passou o comando técnico da seleção brasileira para as mãos de Cláudio Coutinho, um Capitão reformado do Exército, que passou a considerar os treinos como se fossem uma extensão dos quartéis, inserindo até o canto do Hino Nacional, antes de começá-los. Isso tudo, aliado a outros fatores como a disputa direta por uma vaga nas finais entre o Brasil e anfitriã que também tinha seu regime militar com grandes dificuldades e precisava vencer o mundial<sup>47</sup>. Isso levou a seleção brasileira a transferir as esperanças para o próximo mundial, que viria a ser realizado em 1982, na Espanha, quando a ditadura brasileira entrava em seu período de decadência e rumores de eleições diretas para a presidência da República.

Um processo que já havia iniciado desde da revogação do AI 5, no governo de Geisel, e agora estava nas mãos de João Batista Figueredo, o novo presidente militar eleito indiretamente em 1979, o processo de abertura política, que se deu de forma lenta e gradual como ele mesmo previa.

Então quando a seleção brasileira chegou na Espanha em 1982, e realizou às primeiras partidas da Copa do Mundo, renascia entre os brasileiros a esperança do tetracampeonato, com um novo modelo de futebol brasileiro, que criara uma das mais fortes

<sup>45</sup> BARROS, José M. de Almeida. *Futebol – Porque foi ... por que não é mais*, p. 45.

<sup>46</sup> TOLEDO, op. cit., p. 35.

<sup>47</sup> Juan Perón usou o futebol para exacerbar o nacionalismo durante sua ditadura, arriscando-se a sediar a Copa do Mundo de 1978, em meio a uma crise política, para conseguir limpar sua imagem, através da vitória de sua seleção, que seria conseguida a qualquer custo. ( LEVINE, p. 43).

seleções já formadas até hoje, com o predomínio do futebol arte, fascinando o mundo como o futebol de 70, que havia sido esquecido pelos novos sistemas táticos importados da Europa. Ao mesmo tempo ressurgia a esperança, no povo brasileiro, de dias melhores economicamente e politicamente com a criação do III Plano Nacional de Desenvolvimento, da mesma forma que aconteceu nos primeiros anos de 70, com o “milagre brasileiro”. Porém isso tudo ficou apenas no sentimento dos brasileiros, pois logo os mesmos caíram na realidade de um futebol internamente desorganizado e decadente, conseqüente de uma ditadura desacreditada e saturada, e uma economia altamente retraída, iniciando uma explosão de desemprego por todo o país, passando o mesmo por uma das piores crises econômicas de sua história<sup>48</sup>.

Assim o futebol brasileiro, que sempre caminhou paralelo a política e a economia, entrou numa grave crise que só viria terminar nos anos 90 com a entrada do capital privado e externo no futebol brasileiro, patrocinando os clubes<sup>49</sup>.

Portanto, a partir do próximo capítulo nos dedicaremos em investigar todo esse contexto político futebolístico exposto até esse momento, no âmbito do Rio Grande do Norte, principalmente em relação ao processo de “militarização” do futebol brasileiro de 1970 a 1982.

---

<sup>48</sup> LIMA, op. cit., p. 30.

<sup>49</sup> TOLEDO, op. cit., p. 26.

### III – O RIO GRANDE DO NORTE INSERIDO NO CONTEXTO NACIONAL

#### 1 - A evolução do futebol no Rio Grande do Norte

Seguindo as tradições do sul do país, o futebol no Rio Grande do Norte teria surgido por volta do começo do século XX, introduzido por um brasileiro que estudava na Europa, integrante da família Pedroza, o qual teria trazido para Natal a primeira bola de futebol e organizado os primeiros times com outros estudantes<sup>1</sup>. Na visão do jornalista Everaldo Lopes, o mérito de introdução do futebol no RN, vai para o imigrante italiano Alberto Roselli, que teria sido o responsável pela chegada da primeira bola autêntica no Estado e pela divulgação das regras<sup>2</sup>.

Dessa forma o futebol no Rio Grande do Norte, nos primeiros dez anos, ficou restrito a algumas pessoas, principalmente da elite, que praticavam o esporte apenas por hobby. Somente em 1915 surgiram os primeiros clubes de futebol como ABC, América, Sport e Centro, os quais organizaram em 1919 o primeiro campeonato da cidade<sup>3</sup>. Daí por diante surgiram e desapareceram inúmeros clubes de futebol em Natal, e o esporte ganhou maior popularidade e adquiriu o “status” de lazer entre os natalenses que, segundo Everaldo Lopes, nesta época, praticamente não existia nenhuma atividade de lazer<sup>4</sup>.

Com o crescimento desse esporte na cidade, o então governador Juvenal Lamartine, percebeu a necessidade da construção de um estádio de futebol, cujo viria a proporcionar um maior conforto para os jogadores e espectadores, pois o esporte era praticado em praças e em campos sem nenhuma infra-estrutura. Com isso, em 28 de outubro de 1928, foi inaugurado o Estádio Juvenal Lamartine, com capacidade para 5 mil espectadores, modernas instalações para a época e a fachada em estilo barroco<sup>5</sup>. Assim o futebol, da capital potiguar foi se tornando mais competição do que hobby, sendo realizados grandes jogos interestaduais com equipes de Estados e cidades vizinhas, e um grande crescimento da competitividade entre os clubes do ABC e do América, os quais levaram grandes públicos ao popular “JL”, apesar de ser ainda um futebol quase sem

---

<sup>1</sup> FILGUEIRA NETO, José P. **Os esportes em Natal**, p.7.

<sup>2</sup> Depoimento do jornalista Everaldo Lopes.

<sup>3</sup> FILGUEIRA, op. cit., p. 7.

<sup>4</sup> Depoimento do jornalista Everaldo Lopes.

<sup>5</sup> FILGUEIRA, op. cit., p. 20.

nenhuma expressão nacional, com características totalmente amadoras. Os clubes eram sustentados por pessoas que apenas gostavam do clube e do esporte, sem nenhum fim lucrativo, sendo os mesmos responsáveis por financiar uniforme, bolas e viagens. Ainda predominando os traços do pensamento elitista do restante do país, principalmente do sul, que não aceitava o futebol praticado pelas classes populares e por negros, como por exemplo observa Everaldo Lopes que no início da realização dos jogos no “Juvenal Lamartine” havia a presença principalmente da elite e uma grande participação do público feminino, porém com a entrada de negros nas equipes de futebol, esse público praticamente desapareceu, tornando-se o estádio o ponto de encontro do “povão”<sup>6</sup>.

No tocante aos meios de comunicação do estado que divulgavam as atividades futebolísticas, ficava-se restrito aos jornais da época, principalmente “A República”, que não dava grande destaque ao novo esporte, aparecendo algumas notas com apenas as escalações das equipes e o resultado das partidas, e isso devido o fato de que o redator do jornal participava de um clube de futebol<sup>7</sup>. Do futebol nacional, mesmo na época dos campeonatos mundiais, os natalenses obtinham pouquíssimas informações, restrito à pessoas que possuíam os rádios (apenas a elite), como relata o cronista Lupércio Luiz<sup>8</sup>. Por essa razão a Copa de 1958, só pode ser vista em Natal, 3 meses depois, quando o cinema REX exibiu um filme sobre ela, sendo sucesso de bilheteria por várias semanas<sup>9</sup>.

Em 1960 a população de Natal já era de 350 mil pessoas, e o futebol da cidade ganhava maiores adeptos, então o Estádio Juvenal Lamartine, construído quando a cidade tinha cerca de 30 mil habitantes, não suportava mais os grandes públicos, mesmo com o aumento de sua capacidade para 10 mil espectadores. Assim a população da cidade pressionava o poder público para a construção de um estádio maior para suportar o grande público que prestigiava o esporte. Além disso, o “JL”, não tinha mais como crescer porque a área em torno do estádio começava a ficar cercada por casas e ruas<sup>10</sup>. Nesse sentido o governador Dinarte Mariz (1956 – 1961) deu o primeiro passo criando um projeto para a construção de um novo estádio como afirma Procópio Neto: “...a construção de um magestoso conjunto olímpico – obra ímpar no país- de custo elevado, belo e imponente”<sup>11</sup>.

<sup>6</sup> Depoimento do jornalista Everaldo Lopes.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Depoimento do cronista Lupercio Luiz.

<sup>9</sup> Depoimento do jornalista Everaldo Lopes.

<sup>10</sup> FILGUEIRA NETO, op. cit , p.10.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 155.

Porém seu projeto ficou estacionado, sendo realizado pelo prefeito Djalma Maranhão apenas o cercamento, a terraplenagem e a implantação do canteiro de serviço, levando o governador a doar o terreno de Lagoa Nova à FND (Federação Norte Riograndense de Desporto), para que o mesmo executasse o projeto de construção do estádio<sup>12</sup>. Dessa forma somente na gestão do prefeito Agnelo Alves é que se resolveu finalmente construir um estádio de futebol de qualquer forma. Com esse objetivo o prefeito criou em 1966 a FENAT (Fundação de Esportes de Natal), que tinha a finalidade de construir, administrar e manter praças desportivas, como também incrementar a prática dos esportes em geral. Em 1967 a Federação de Futebol Norte-riograndense resolveu doar o terreno de Lagoa Nova para a FENAT, para que a praça olímpica fosse construída<sup>13</sup>.

Dessa feita Agnelo pôs em prática a construção do estádio dentro das possibilidades do município, modificando o projeto original de Dinarte Mariz, o qual previa um estádio luxuoso e moderno<sup>14</sup>. Originalmente o estádio foi idealizado pelo arquiteto Moacyr Gomes para uma capacidade de 40 mil espectadores, sendo na época o terceiro do Brasil, perdendo apenas para o Maracanã e o Mineirão<sup>15</sup>. Porém, com a saída do prefeito Agnelo Alves, as obras foram paralisadas, e com as inúmeras mudanças políticas pelas quais o Brasil e o Rio Grande do Norte passavam, ficou mais difícil acreditar na conclusão da obra<sup>16</sup>.

Somente 5 anos após o início da obra, na gestão do prefeito Ubiratam Galvão e com o apoio do governo estadual, na figura do governador Cortez Pereira, conseguiu-se terminar, pelo menos, a primeira fase da construção, sendo cobertas apenas as cadeiras especiais<sup>17</sup>. Em 4 de junho de 1972 deu-se a inauguração da mais nova praça de futebol de Natal, que o jornal "A Tribuna do Norte" passou a chamar de "Agnelão", enquanto o "Diário de Natal" e a "República" chamavam-no de "Lagoão" e o governador de "poema de concreto". Mas com a morte do ex-presidente Castelo Branco, em julho de 1967, a Câmara Municipal resolveu homenageá-lo, dando-lhe seu nome ao estádio da Lagoa Nova. Este decisão trouxe grande polêmica, pois como José Garcia observou, o mesmo nada fizera por merecer tal homenagem, escrevendo: "... *O daqui apelidaram de Castelão,*

<sup>12</sup> LIMA, op. cit., p.46.

<sup>13</sup> FILGUEIRA NETO, op. cit., p. 152.

<sup>14</sup> GARCIA, José A *Gol de Placa*. p. 19.

<sup>15</sup> FILGUEIRA NETO, op. cit., p.153.

<sup>16</sup> RN Econômico maio 1972

<sup>17</sup> Depoimento do jornalista Everaldo Lopes.

*numa homenagem típica de puxa-saquismo provinciano estéril*<sup>18</sup>. Somente em 1974 o estádio foi realmente concluído em sua totalidade, sendo coberta toda a arquibancada, façanha conseguida, segundo o próprio governador afirma, graças ao respaldo financeiro do governo federal, que expressava o seu total apoio ao futebol, visando a “integração nacional”. Dessa forma, a edificação do “Castelão” modificou todo o cotidiano da cidade, pois o mesmo trouxe inúmeras repercussões socioculturais, pelo fato de em meados de 70 existiam poucos locais de lazer para a população, e ele passou a suprir esta carência, como o cronista Hélio Câmara afirma ao observar que o estádio transformou-se em ponto de encontro nos dias de jogos e levou o futebol potiguar a dar um grande salto qualitativamente<sup>19</sup>. As mulheres e crianças, voltaram a frequentar os jogos, como assinala no jornal “A República” em outubro de 1972: *“As mulheres vão tomando conta do futebol natalense, graças ao estádio Castelo Branco, hoje a presença feminina é a afirmação de que as mulheres estão em todas até no futebol*<sup>20</sup>. Isso devido o estádio proporcionar maiores confortos do que o velho “JL”, além da propaganda do Tri-campeonato no México ter repercutido em todos os segmentos da sociedade brasileira. O “poema de concreto” também era visto como um cartão postal de Natal, pela repercussão que ele causou a treinadores, dirigentes, jornalistas entre outros que o visitavam, como nas palavras de Zagalo: *“É um dos melhores do país, tem as linhas arquitetônicas mais bonitas do Brasil*<sup>21</sup>. Outra importante figura que não poupou elogios ao estádio foi João Saldanha que, logo após a primeira partida da “Taça Independência”<sup>22</sup>, realizada em Natal, publicou em sua coluna no jornal O Globo:

*“Bom jogo realizado no estádio mais bonito do Brasil e, penso, o de melhor concepção arquitetônica. Magníficas acomodações para o público da arquibancada e geral, o que não é comum em nossos estádios, que nem sempre conseguem dar conforto e comodidade ao seu público pagante... De qualquer parte se vê a partida e a entrada e a saída do público são feitas por rampas que permitem um escoamento rápido e sem atropelos”*<sup>23</sup>.

O “Lagoão” também transformou o futebol do RN, que passou para uma nova fase, a da profissionalização que como já foi dito, marcou o sul do país desde da década de

<sup>18</sup> GARCIA, op. cit., p. 19.

<sup>19</sup> Depoimento do cronista Hélio Câmara.

<sup>20</sup> A República 08/10/72

<sup>21</sup> A República 04/10/72

<sup>22</sup> Natal foi indicada como sub-sede da Taça Independência, jogando no Castelão as seleções de: Portugal, Equador, Irlanda e Chile.

<sup>23</sup> A República 14/06/72

1950, mas que no RN chegou apenas após a construção do “Castelão”, o que levou os dirigentes de clubes a modificarem a mentalidade amadorística, passando a contratar profissionais dos grandes centros do país para disputar as competições estaduais e nacionais, aliado à política do governo federal de integração nacional, que veremos mais adiante<sup>24</sup>.

## 2 - Os governadores biônicos e o futebol potiguar

O processo político do Rio Grande do Norte, a partir dos anos 60, foi marcado por grandes disputas, como afirma o próprio ex-governador Cortez Pereira, entre os camisas verdes, correligionários de Aluizio Alves e os camisas vermelhas, aliados de Dinarte Mariz<sup>25</sup>. Com o golpe de 1964, os militares passaram a indicar os governadores dos estados, chamados de governadores biônicos, por serem eleitos indiretamente pelas Assembléias Legislativas estaduais. Dessa forma assumiu em 1971, Cortez Pereira, eleito indiretamente em 3 de outubro de 1970, indicado pelo presidente Médici, mesmo ele não sendo considerado cogitado a assumir o cargo, pois não possuía apoio político, ao contrário de seu adversário direto, Dix-huit Rosado, que detinha o apoio do senador Dinarte Mariz<sup>26</sup>. O candidato de Dinarte, porém sofria bastante restrições na Câmara Municipal, como afirma João Batista Machado: “ *A maioria das lideranças consultadas fazia restrições ao nome de Dix-huit Rosado mas não fazia ao de Cortez*”<sup>27</sup>. Dessa forma o nome de Cortez cresceu e ganhou mais respaldo político, e os próprios correligionários de Aluizio o preferiam em vez do candidato de Dinarte no controle do governo. Aliado à corrente dos técnicos dos órgãos federais da região e o “Grupo do Nordeste”, formado por banqueiros, empresários e militares, que se uniram em torno do seu nome. Cortez Pereira foi o escolhido, sendo considerado o azarão por João Batista Machado<sup>28</sup>.

Assim Cortez assumiu a direção do Rio Grande do Norte, com uma grande aceitação entre os políticos e empresários, como podemos observar numa matéria no RN

<sup>24</sup> Depoimento do cronista Hélio Câmara.

<sup>25</sup> Depoimento do ex-governador Cortez Pereira.

<sup>26</sup> LIMA, op. cit., p. 47.

<sup>27</sup> MACHADO, João Batista. *Como se fazia governador durante o regime militar*, p.22.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 21-22.

Econômico: “... um companheiro de lutas em favor do desenvolvimento econômico e social de nossa terra”<sup>29</sup>. Cortez encontrou o Estado em situação econômica bastante difícil, que ele mesmo expressa quando afirma que sua missão era bastante árdua, pois substituíra um governador eleito pelo povo, Walfredo Gurgel, e encontrava um Estado faminto correndo atrás de bandeiras. Porém aceitou tal desafio por acreditar que o principal fator da pobreza era o desemprego, e que resolvendo-o solucionaria todos os demais problemas, e esta seria sua única chance de tentar por em prática suas idéias, pois num regime democrático, ele jamais teria oportunidade de exercer o cargo por não pertencer a nenhuma das correntes políticas detentora do domínio político local<sup>30</sup>.

Assim, começou a trabalhar em seus projetos, numa época marcada pela consolidação do regime militar, ligado a política de grandes projetos. Cortez Pereira deveria adaptar o estado à política econômica nacional. Para tanto ele usou a criatividade e deu início a execução de inúmeros projetos, como os de Serra do Mel, Bicho da Seda, Boqueirão, Rural Norte e Camarão, além dos chamados “projetos românticos” como a Cidade da Criança e Bosque dos Namorados. Também criou projetos ligados ao esporte, como o Fundo Estadual de Esportes do Rio Grande do Norte (FEERN), cujo objetivo era transformar o nosso desporto em um dos melhores do país<sup>31</sup>. Além de seguir os rumos do governo federal, incentivando o futebol, como ele expressa ao dizer que: “*O clima de 1970 empurrava os governadores a investir no futebol*”<sup>32</sup>.

Em seu governo, ele criou a “escola do pequeno atleta” chamada por ele de “projeto lírico”, que resultaria num curto espaço de tempo na criação de empregos advindos do potencial atlético das crianças participantes do programa. Além disso ele foi o responsável pela conclusão do estádio Castelão, e destinou grande atenção ao futebol local, ajudando os clubes, custeando empréstimos às equipes, que seriam pagas por meio do parcelamento de prestações, na medida que o lucro das rendas dos jogos permitisse, e até, como o mesmo cita, tirando dinheiro do próprio bolso para ajudar a alguns jogadores<sup>33</sup>. É notória a preocupação do governador com o futebol, quando o “ABC”, representante do Estado no campeonato nacional de clubes em 1972, foi punido pelos diretores da CBD,

<sup>29</sup> RN Econômico 03/06/70

<sup>30</sup> Depoimento do ex-governador Cortez Pereira.

<sup>31</sup> A República 10/06/72

<sup>32</sup> Depoimento do ex-governador Cortez Pereira.

<sup>33</sup> Ibidem

ficando fora do campeonato do ano seguinte. O governador tentou de todas as formas reverter a situação, comentando no jornal “A República” que *“a punição tinha sido bastante elevada e que agora o problema era de interesse de todo o povo do RN, porque está em jogo o futebol norte-riograndense que poderá ser prejudicado”*<sup>34</sup>.

Dessa forma podemos perceber uma grande participação do governo do estado no esporte e principalmente no futebol, seguindo a estratégia do general Médici, tentando fazer o RN, um estado de pouca expressão nacional, uma potência no esporte nacional<sup>35</sup>.

Mas o seu governo foi também marcado por crises políticas e militares. Muitos acreditavam que o seu mandato não chegaria ao fim, principalmente quando da insatisfação do chefe do Gabinete da Casa Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva, que tinha conceitos diferentes sobre colonização e reforma agrária, discordando da implantação das vilas rurais.<sup>36</sup> Apesar disso, Cortez conseguiu terminar o seu mandato, e ainda indicou o ex-deputado Tarcísio Maia, seu amigo pessoal desde do tempo da UDN. Assim, com o apadrinhamento de Dinarte Mariz, o apoio do general Golbery e a confirmação do seu nome pelo governador Cortez Pereira, Tarcísio Maia foi eleito indiretamente em 3 de outubro de 1974, e empossado no dia 15 de março de 1975, iniciando um período chamado de ‘paz pública’<sup>37</sup>.

Nesse clima de paz, Tarcísio Maia realizou um governo de prosperidade e desenvolvimento, num período que o governo federal resolveu fazer grandes investimentos na economia nacional, utilizando para isso o financiamento externo, para assegurar o crescimento econômico do início dos anos 70. Dessa forma, o governador centralizou o governo no tripé educação, estradas e saúde, aproveitando ainda, o incentivo federal, construindo uma infra-estrutura turística, e sendo o precursor dos projetos ligados ao turismo, como a construção da Via Costeira<sup>38</sup>. Isso foi possível em grande parte pelo apoio federal como o próprio governador afirma: *“A política de desenvolvimento urbano foi executada pelo Programa de Investimento Urbano para capitais e cidades de porte Médio através de convênios entre a União, Estado e Prefeituras”*<sup>39</sup>.

<sup>34</sup> A República 01/12/72

<sup>35</sup> LIMA, op. cit., p. 52.

<sup>36</sup> MACHADO, op. cit., p. 37.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>38</sup> Ibid., p. 59.

<sup>39</sup> MACHADO, op. cit., p. 59.

Como afirma João Batista Machado, no governo de Tarcísio Maia dá-se início à chamada “oligarquia dos Maias”, que com o apoio de Tarcísio, levou o médico Lavoisier Maia a ser indicado para ocupar o cargo de terceiro governador biônico do RN<sup>40</sup>, impossado a 15 de março de 1979, durante a presidência do último presidente militar, João Batista Figueredo quando a ditadura já caminhava para uma abertura política, permanecendo no cargo até 1983, quando entregou o governo ao ex-prefeito José Agripino Maia, eleito em 1982 (na primeira eleição direta para governador do Estado desde os anos 60). Dessa forma o governo de Lavoisier foi bastante tranquilo, sem crises, destacando-se seus projetos de habitação, abastecimento de água para o interior e saúde<sup>41</sup>.

No tocante a projetos ligados ao futebol, o período dos governos de Tarcísio Maia e Lavoisier Maia foi marcado pelo esquecimento de investimentos, seguindo exemplo do governo federal, pois a partir de Geisel já não demonstrava tanto interesse como no início dos anos 70. No Rio Grande do Norte não foi diferente podendo ser confirmado tanto por depoimentos de personalidades da época como em matérias jornalísticas a tal inexistência de apoio e projetos, tanto para o futebol como o esporte, ao contrário do governo de Cortez Pereira que incorporou os ideais federais ufanistas do “Prá Frente Brasil”

### 3 - A política de integração nacional pelo futebol no RN

A partir de 1972, o Rio Grande do Norte incorporou-se à política de integração nacional pelo futebol idealizada pelos militares, nos inícios dos anos 70, já exposta no capítulo anterior. Isto se deu através da inclusão do ABC, tri-campeão do RN, no campeonato nacional de 1972 convocado pela CBD, principalmente pelas boas arrecadações dos jogos da Taça Independência, que levou o então presidente da CBD, João Havelange, a escolher o Estado como o 26º participante do campeonato, à frente de Santa Catarina e Paraná que também pleiteavam a vaga<sup>42</sup>.

Assim todo o Estado uniu-se em torno do seu representante no campeonato nacional, desde o governador Cortez Pereira aos empresários que criaram, inspirados nos

<sup>40</sup> Ibidem, p.61.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 72-73.



lemas ufanista nacionais da época da seleção brasileira de 1970, a campanha “Prá frente ABC”, a qual premiava jogadores do clube com eletrodomésticos, carros etc<sup>43</sup>. A imprensa local destinou para o campeonato, grandes reportagens e páginas inteiras como podemos perceber nos jornais da época. Alguns emisoras de rádio perceberam a grande importância da presença de um clube de futebol do Estado nesse campeonato nacional, fazendo grandes investimentos nas transmissões dos jogos, consolidando uma grande audiência em boa parte dos municípios que os prefixos alcançavam, contribuindo para a integração a nível local.

A presença do ABC no campeonato nacional também levou os dirigentes locais a modificarem a mentalidade amadorística, pois não seria possível competir num campeonato a nacional que incluía os grandes clubes do futebol brasileiro (que há muito tempo já havia deixado para trás essa mentalidade amadorística) possuindo em suas equipes jogadores consagrados mundialmente como Pelé, Tostão, entre outros. Com isso o representante local contratou praticamente um time completo de jogadores e comissão técnica de fora do Estado, principalmente oriundos do Rio de Janeiro, tendo até um jogador uruguaio<sup>44</sup>.

Dessa maneira, os espectadores norte-riograndenses proporcionaram os maiores públicos já registrados até hoje no Rio Grande do Norte. Segundo “A República”, nesse primeiro campeonato, houve uma média de 20.241 espectadores por jogo<sup>45</sup>, chegando ao maior público do futebol do RN, em 29 de novembro de 1972 no jogo ABC e o Santos de Pelé, que o jornal “A Tribuna do Norte” comenta ter um público fantástico, difícil até de estabelecer números confiáveis, porque muitas pessoas pularam o muro, falando-se até em 45 a 50 mil pessoas<sup>46</sup>.

Com isso é fácil observar nos primeiros anos da década de 70, principalmente na presidência de Médici e no governo de Cortez Pereira no RN, as idéias de utilizar o futebol como forma de controle social <sup>devam</sup> serem postas em prática, aproveitando o entusiasmo do povo brasileiro com a conquista do tri-campeonato mundial de futebol no México em 1970. No Rio Grande do Norte o governo teve uma participação ativa e a CBD contribuiu

---

<sup>42</sup> Diário de Natal 25/07/72

<sup>43</sup> A República 27/10/72

<sup>44</sup> Depoimento do jornalista Everaldo Lopes.

<sup>45</sup> A República 23/11/72

<sup>46</sup> Tribuna do Norte 30/05/99

para isso, com a inclusão do ABC no campeonato nacional, visando a tal integração, o que fica bastante claro em uma reportagem do jornal A República em outubro de 1972: “... se o ABC não vencer nenhum jogo, contribuiu pelo menos com a integração nacional esportiva tão decantada pelo Presidente Médici”<sup>47</sup>

Porém, passada a euforia da conquista no México e do “milagre brasileiro” a aliada a sucessivas derrotas nos mundiais seguintes (74,78 e 82), esta política foi colocada em segundo plano e até esquecida a nível local. O futebol passou a não ter mais o interesse do governo estadual, sendo observado que nos governos de Tarcísio Maia e Lavoisier Maia, não houve nenhum projeto ligado ao esporte ou mesmo ao futebol, deixando-o fluir normalmente, mesmo o RN continuando a participar dos campeonatos nacionais com os clubes ABC e América, e que em 1974, tenha sido criado o primeiro Campeonato Estadual, reunindo equipes da capital e do interior.<sup>48</sup>

Dessa maneira, devido não existir fontes escritas e bibliografia que explicitassem com maior clareza o processo iniciado nos inícios dos anos 70 ligado ao futebol a nível nacional, resolvemos utilizar as fontes orais que tiveram alguma ligação com o objeto de estudo, e todas foram unânimes em dizer que não houve nenhuma influência dos militares no futebol norte-riograndense, que o mesmo fluiu normalmente devido ao crescimento populacional da cidade, levando os cronistas Hélio Câmara e Lupércio Luiz a comentarem que o desenvolvimento do futebol foi quem proporcionou a construção de estádios e a criação do campeonato nacional, independente dos militares estarem no poder ou não.

Contudo, pelo o que foi dito nos capítulos anteriores, o futebol sempre caminhou paralelo a política, e no começo dos anos 70, o regime chegou ao ápice desta política utilizando a euforia da vitória da seleção para criar um sentimento nacionalista, e os governadores por tabela investiram em seus estados. Porém passado a tal euforia o futebol ficou esquecido, pelo menos a nível local, pelos os governos subsequente, e não percebemos mais, a utilização do futebol como controle social, principalmente quando enfocamos o Rio Grande do Norte.

---

<sup>47</sup> A República 07/10/72

<sup>48</sup> FILGUEIRA,NETO, op. cit., p. 221.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento iremos retornar os resultados parciais expostos no decorrer do trabalho. Lembrando que as dificuldades para a realização do mesmo foram bastante grandes, devido os intelectuais do estado não valorizarem o estudo de temas similares, com exceção de alguns que se aventuram a escrever, narrando fatos pitorescos, que não contribuem muito para a realização de estudos posteriores. Além do mais algumas fontes são de difícil acesso ou mesmo inexistentes, não tendo a federação de futebol do estado, sequer um arquivo de dados. Assim para a realização do mesmo foi necessário recorrer à história oral, como forma de enriquecer as informações que as fontes impressas deixavam lacunas.

Dessa forma indagamos inicialmente, as origens do futebol e sua rápida ascensão popular, não ficando muitas dúvidas sobre sua grande ligação com a política e economia, principalmente em seu berço de organização. Pois sua população passava por uma fase de questionamentos, sendo necessário difundir entre as camadas populares um esporte que conseguisse tirar a atenção popular e ao mesmo tempo servisse como válvula de escape para os problemas econômico e sociais, além de massificar a idéia de competição, ponto fundamental do sistema capitalista.

Assim partimos para o Brasil, onde também não é tão complexo entender como o esporte, inicialmente elitizado, tornou-se rapidamente popular. Para isso observamos que o esporte na Inglaterra tinha servido perfeitamente ao Estado, e a mesma não perdeu tempo em exportar o esporte para as Américas como forma de divulgar o próprio sistema capitalista de competições. Dessa maneira o esporte chegou ao Brasil, como um esporte de elite mas que rapidamente incorporou-se à cultura brasileira, devido a falta de formas de lazer de grandes proporções no país. Assim, para praticar o futebol informalmente não era necessário ter dinheiro, suas regras eram de fácil assimilação, bastava utilizar a criatividade do brasileiro e improvisar os meios de praticar. Dessa forma o novo esporte recebeu inúmeras adesões criando até um jeito próprio de jogar, incorporando a cultura africana e a malícia do brasileiro, mostrando que este esporte realmente representa um pouco do que seja o povo brasileiro.

Então, depois de uma rápida assimilação do esporte, enfocamos o lado político que sem dúvida andou sempre lado a lado com o mesmo, desde de seu crescimento como

esporte de massa. Como observamos, a partir do momento que os políticos perceberam a grande influência que o futebol possuía sobre os brasileiros, não mediram esforços em incentivarem sua prática e difusão, e isso ganharia seu ápice durante o governo populista de Vargas, renascendo no Regime de 64, mais precisamente no governo de Médici, que soube utilizar de forma sábia a conquista do tricampeonato de futebol no México em 1970.

Nesse ponto, nossas indagações foram plenamente respondidas, ficando bastante clara a utilização do futebol como divulgador do governo militar de 64, porém, devendo ser explicitado que esta conduta, aconteceu principalmente no governo de Médici e não <sup>em todo</sup> a todo o governo militar como pensávamos ter acontecido. Pois os governos posteriores a Médici, restringiam-se às Copas do Mundo, deixando o futebol no país nas mãos de políticos e tecnocratas que se beneficiando de seus cargos, passaram a utilizar o futebol como forma de promover-se politicamente em seus respectivos estados, levando-o a uma desorganização total, e conseqüentemente a uma sequência de fracassos em competições mundiais, por falta de uma estrutura interna, que pensasse no esporte como forma de lazer e não para promoções políticas.

Em seguida, dirigimos nossas às atenções para o Rio Grande do Norte inserido neste contexto. Assim tentamos realizar um estudo voltado para responder algumas questões que nos pareciam, ainda obscuras ou mesmo inacabadas, relacionadas com o tema proposto. Dessa forma iniciamos o estudo realizando uma retrospectiva das origens do futebol no Rio Grande do Norte, e a partir daí já encontramos pontos antagônicos, pois Procópio Neto afirma, em seu livro, que o futebol surgiu no RN trazido por um membro da família Pedroza, mas o jornalista Everaldo Lopes, baseado em seus estudos de pesquisa, comenta que o mesmo foi trazido por um italiano chamado Alberto Roselli. Dessa forma percebemos que o assunto ainda deve ser bem explorado, pois nas suas origens já encontramos pontos de discussão, e observamos que os estudos anteriores seguiram a linha de pensamento do sul do país, que são enfáticos em afirmar que o futebol no Brasil foi trazido por estudantes ou mesmo imigrantes, mesmo sendo claro que antes de 1894, já se praticava o futebol no Brasil.

Como o tema não estava ligado às origens do futebol não entrei em detalhes, e partir para explorar os usos políticos no futebol do RN. Assim é notório que os grandes acontecimentos que auxiliaram o futebol local, sempre estiveram ligados à iniciativa da política, como a construção dos estádios Juvenal Lamartine e Castelão, que marcaram suas

respectivas épocas, levando o futebol do RN a um grande desenvolvimento e até mesmo modificando o cotidiano da cidade do Natal. Daí por diante entramos mais precisamente no corte cronológico planejado, e logo observamos uma forte participação política no futebol, quando estudamos o governo Cortez Pereira, aliado à política do presidente Médici, a conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira e a euforia econômica do “milagre brasileiro”, tudo isso ajudou para se criar a imagem de um “Brasil Potência” e o RN não ficava alheio a esta política. Assim, é bastante notória, a grande participação política do governo estadual no futebol local, durante o período de 1970 a 1973, conseguindo seguir as proposta do governo federal de integração nacional. Porém o nosso pensamento era de uma participação política no futebol durante todo o governo militar pós 64, e isso, como podemos perceber, não se concretizou. Apenas durante o governo Medici, como citamos anteriormente, houve grandes incentivos federais ao futebol, mas a partir do governo Geisel, o mundo entrou numa grande crise econômica e o “milagre brasileiro” caiu na real. Dessa maneira o futebol não poderia mais fazer a propaganda de um país em crise econômica, e mesmo fracassado no futebol com as perdas dos mundiais subsequentes, assim a política de Medici foi adormecida pelo governo militar, e logo a nível local, os governos de Tarcísio Maia e Lavoisier Maia que seguiam a política federal, deixou o futebol norte-riograndese, no período de 1974 a 1982, praticamente esquecido, sem nenhum projeto ou mesmo incentivos.

Dessa forma podemos concluir que o nosso estudo foi importante para responder algumas questões. Mas que ainda está longe de ser a representação de verdades absolutas, e incontestáveis, pois a história é uma ciência que está sempre em construção. Porém este pode ser um pontapé inicial para que outros pesquisadores possam se dedicar em a temas similares ou mesmo contestar as conclusões desta monografia, contribuindo para ampliar a bibliografia ligada ao futebol que, mesmo sendo um esporte que consegue parar cidades e países, ainda é bem pouco discutido no país, em termos acadêmicos e, se contextualizado no Rio Grande do Norte é quase nulo.

## BIBLIOGRAFIA

### 1 - FONTES

#### a) Orais:

- Entrevista realizada com o ex-governador Cortez Pereira em 10/04/2000.
- Entrevista realizada com o jornalista Everaldo Lopes em 04/05/2000.
- Entrevista realizada com o cronista Hélio Câmara em 25/04/2000.
- Entrevista realizada com o cronista Lupércio Luiz em 22/04/2000.

#### b) Impressas:

- **A REPÚBLICA**, Natal, jun-dez. 1972.
- **DIÁRIO DE NATAL**, Natal, maio/jul. 1972.
- **RN ECONÔMICO**, Natal, 1970-1973.
- **TRIBUNA DO NORTE**, Natal, maio-jul. 1972.

### 2 - BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Maria H. Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- ANSART, Pierre. **Ideologia, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ANTUNES, Fátima. Nelson Rodrigues e a emancipação do homem brasileiro: de vira-latas a moleque genial. In: COSTA, Márcia Regina da. (Org.), **Futebol espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a história**. São Paulo: Ática, 1999.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- AZEVEDO, Lupércio Luiz de. **A História não contada do futebol potiguar**. Natal: Nordeste gráfica, 1998.
- BALLOUSIER, Marco André. O centenário de uma paixão brasileira. **Cadernos do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, ano 20, n.184, p. 8-11(suplemento), abr. 1995.
- BARROS, Edgard Luiz de. **Os governos militares**. São Paulo: Contexto, 1991.
- BARROS, José M. de Almeida. **Futebol -- Porque foi ... porque não é mais**. Sprint, 1995.

- CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista da USP: Dossiê futebol**, São Paulo, n.22, p.40-49, 1994.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **A História da Copa do Mundo: 50 anos de emoção e gol**. Rio de Janeiro; CBF, 1980.
- CORREA, Lúcia H. Racismo no futebol brasileiro. In DIEGUEZ, Gilda K (Org.), **Esporte e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. V 2., p. 31-39.
- DIEGUEZ, Gilda Korff (org). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985. V.2 (col. Debates Culturais).
- DUARTE, Orlando. **Futebol: histórias e regras**. São Paulo: Makron Boooks, 1997.
- FILGUEIRA NETO, José Procópio. **Os esporte em Natal**. Natal: Cooperativa dos jornalistas de Natal: FENAT, 1991.
- MÁRIO FILHO. **O Negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- MAZZONI, Tomás. **História do futebol brasileiro**. São Paulo: Edições Leia, 1950.
- FREYRE, Gilberto. **Novo mundo nos trópicos**. Companhia Editorial: USP, São Paulo: 1971.
- GARCIA, José A. **Gol de placa: memórias esportivas**. Natal: Clima, 1992.
- GONÇALVES, José E. Futebol e poder: algumas reflexões sobre o jogo da política. In: DIEGUEZ, Gilda K (Org.). **Esporte e poder**. Vozes, 1985. V.2. p. 20-30.
- PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. São Paulo: Record, 1983.
- LEVINE, Roberto M. Esporte e sociedade: O caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, J. C. S. (org.), **Futebol e cultura – coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. p. 21-44, 1982.
- LIMA, Roberto Flávio Gomes. **A pátria em campo: a simbiose esporte poder**. Natal, 1999. 62p. - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Monografia (Graduação em História).
- LOPES, Luiz Roberto. **História do Brasil contemporâneo**. 8 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- LOPES, Sebastião S. Leite. A vitória que incorporou a pelada. **Revista da USP: Dossiê futebol**, São Paulo, n.22, p. 64-83, 1994.

- LYRA FILHO, João. **Introdução à sociologia dos desportos**. Rio de Janeiro: BIBLIEX: Bloch, 1973. V. 113, (Col. General Benício).
- MACHADO, João B. **Como se fazia governador durante o regime militar: o ciclo biônico no RN (1970 a 1985)**. Natal: RN Econômico, 1995.
- MILAN, Betty. **Brasil: o país da bola**. São Paulo: Best Editora, 1989.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX ( O Espírito do Tempo)**. 2.ed. Forense
- MOTA, Carlos Guilherme, **Ideologia da cultura brasileira (1933 – 1974)**. 8.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- MURAD, Maurício. Futebol e cinema no Brasil 1908/1998. In: COSTA, Márcia Regina da.(Org.), **Futebol espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- NOGUEIRA, Manuel Leonardo. **Esboço histórico do futebol mossoroense**. 2. Ed. Natal: ASTECAM, 1981. V. 156 (Col. Mossoroense).
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense.
- PRADO, Décio de Almeida. **Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.
- RAMALHO, Márcio. **Futebol é bola na rede**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- REALE, Miguel. **Da Revolução à democracia**. 2 ed. São Paulo: Ed. Convívio, 1977.
- RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SALDANHA, João. **O futebol**. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: INL-MEC, 1971. V. 5 (Col. "Brasil Hoje"; tudo o que o jovem deve saber sobre a realidade de seu país).
- SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- SANTOS, Joel Rufino do Santos. **Código, padrão e respeito**. In: COSTA, Márcia Regina da.(Org.), **Futebol espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999, pp. ...
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na metrópole: São Paulo, Sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHIRTS, Matter G. **Futebol no Brasil ou Football in Brazil?** In: MEIHY, J. C. S. (org.), **Futebol e cultura.: coletânea de estudos**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado. p. 87-100, 1982.
- SILVA, Hélio, CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **Os Presidentes: Emílio Médice. O combate as guerrilhas (1969 – 1974)** São Paulo: Grupo de comunicações Três, 1983.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- TCHAKHOTINE, Serge. **A Mistificação das massas pela propaganda política.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de Futebol.** Campinas, SP: Autores Associados: Anpocs, 1996.
- VARGAS, Ângelo Luiz. **Desporto fenômeno social.** Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- VENTURA, Zuenir. **1968: O ano que não terminou.** 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- VIEIRA, Evaldo. **A república brasileira – 1964/1984.** 7. ed. São Paulo: Moderna, 1989 (Col. Polêmica).
- WITTER, José Sebastião. **Breve história do futebol brasileiro.** São Paulo: FTD, 1996.

